REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES
PANDIÁ CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO,
ALFREDO PUJOL e PLINIO BARRETO

REDACTOR-CHEFE
RODRIGO M. F. DE ANDRADE
Redacção e adm. — Rua Rodrigo Silva, 14. 1º

NESTE NUMERO:

Correspondencia inédita de Olavo Bilac
O nosso problema militar — Pedro Cavalcante
Poemas de Manuel Bandeira
Recordações de Dona Quiteria — João Ribeiro
Inéditos de Junqueira Freire
Judas e Christo — Edmundo Lys
O Banho — Ribeiro Couto
Educação Sentimental — Alvaro Moreyra
Resposta a Manuel Bandeira — João Alphonsus

Notas por Antonio de Alcantara Machado, Affonso Arinos (sobrinho), Manuel Bandeira, Prudente de Moraes, neto, Rodrigo M. F. de Andrade, Augusto Schmidt e Hannibal.

ANNO I — NUMERO 5 — 15 — NOVEMBRO — 1926 — RIO DE JANEIRO

Já se encontra á venda nas livrarias do Rio de Janeiro e de São Paulo o livro que sobre a

Presidencia Bernardes

Intitulado

TERRA DESHUMANA

(A vocação Revolucionaria do Presidente Arthur Bernardes)

escreveu ha tres mezes, em Campos de Jordão, durante uma villegiatura que ali fez, o sr.

Assis Chateaubriand

O director do O JORNAL, naquellas montanhas suaves da terra paulista, meditou e escreveu sobre a personalidade complexa do actual presidente da Republica um ensaio sereno, sem qualquer eiva de paixão partidaria, como se estivesse recuado meio seculo do scenario dramatico dos dias actuaes da nacionalidade. Elle propoz-se fazer um estudo de pura substancia psychologica, com absoluta imparcialidade, procurando collocar-se fóra do ambiente esteril das facções para analysar as qualidades, os defeitos, as acções de alcance collectivo e os erros do homem que encheu o quadriennio de 1922-1926, da sua rispida e indomavel individualidade.

Tomando a acção publica do actual presidente, desde que elle se estreou como jornalista no hebdomadario da zona da Matta, denominado «A Cidade da Viçosa», até a sua derradeira grande campanha, que vem de encerrar victoriosamente: a da revisão constitucional, — o sr. Assis Chateaubriand projecta visadas sobre os aspectos mais interessantes do homem de governo que, por tantos titulos, será objecto, no futuro, de debates os mais vivos dos historiadores da quadra atormentada que acaba de atravessar o Brasil.

O Caraça, o famoso collegio, onde se educou o sr. Arthur Bernardes, com a tradição de severa e inflexivel disciplina, é objecto de um quadro que, por certo, ajudará por muito a explicar a formação mental do presidente com a ductil e rija vontade, que distingue todos os seus actos.

Revista do Brasil

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 15 DE NOVEMBRO DE 1926 — NUMERO 5

SUMMARIO

Politica
Correspondencia inédita de Olavo Bilac.
O nosso problema militar — Pedro Cavalcante.
Poemas de Manuel Bandeira (em fac-simile).
Recordações de Dona Quiteria — João Ribeiro.
Inéditos de Junqueira Freire.
Judas e Christo — Edmundo Lys.
O banho — Ribeiro Couto.
Educação Sentimental — Alvaro Moreyra.
Resposta a Manuel Bandeira — João Alphonsus.
Theatro e Musica — Antonio de Alcantara Machado e M. B.
Literatura — Affonso Arinos (Sobrinho), Manuel Bandeira, Antonio de Alcantara Machado, Prudente de Moraes, neto, Rodrigo M. F. de Andrade e Augusto Schmidt.
A Quinzena.

POLITICA

A vocação messianica do Snr. Arthur Bernardes se revelou de forma estupenda no telegramma circular que expediu aos presidentes e governadores dos Estados, poucos dias antes de expirar o seu mandato. Ella já se havia mostrado muitas vezes, nas varias opportunidades em que o Chefe do Estado se dirigiu á nação, por via de manifestos e discursos, no decorrer destes ultimos e tumultuosos quatro annos. Póde-se mesmo dizer que a todas as orações e epistolas politicas do Snr. Bernardes se applicaria com justeza o epitheto de *illuminações,* tirado do titulo do livro de Rimbaud. Desde a apresentação de sua candidatura até hoje, elle só falou possuido da idéa de sua predestinação evangelisadôra.

No alludido telegramma, porém, o chefe do governo que hoje finda poz um tom dramatico que ultrapassou todas as mensagens, manifestos e discursos feitos anteriormente. Não contente de haver salvo do opprobio os brasileiros contemporaneos, elle emprehendeu resguardar para os cidadãos prestantes de amanhã uma éra politica tão dignificante quanto a que iniciou no seu governo. E semeou a bôa semente, por telegramma.

* * *

Os testamentos politicos, em que os governos que estão a expirar galardoam e premeiam as dedicações e os bons serviços prestados pelos amigos leaes, tiveram no regimen republicano uma larga e generosa evolução que, no actual momento, chegou á sua etapa culminante. Tempo houve em que os presidentes e os seus altos auxiliares limitavam-se, para demonstrar a sua gratidão aos amigos, a guardar os cargos que se iam vagando nas proximidades da terminação do mandato, afim de doal-os aos seus escolhidos. Hoje, porém, as cousas se modificaram. Ou porque a generosidade dos doadores cresceu, ou porque a massa das dedicações com direito a premio avultou, o facto é que actualmente não ha vagas que cheguem para as necessidades. E como não ha, o remedio é creal-as, embora para isso seja preciso attentar contra as instituições, contra as leis, contra os principios da moral. É como no tempo de guerra em que nada está seguro, nem Deus no altar, como dizia Vieira... A questão é engendrar cargos para nelles encaixar os amigos e, deante deste alto interesse, tudo mais perde a importancia. Desta vez nem a magistratura escapou. Mas, em compensação, numerosissimos cidadãos estão com a vida assegurada por muitos annos e bons.

A Republica faz annos hoje e estas notas de politica nacional, ou crioula, faltariam ao mais sagrado dever, etc. e tal.

Sim; lá porque a sorte não lhe tenha sido propicia e não possa a anniversariante gabar-se muito das suas prendas e da vida que tem levado, desde que saiu da adolescencia, não é motivo para que se lhe não apresentem as devidas congratulações. Aqui, pois, as nossas deixamos, mui cordiaes, de envolta com as salvas e luminarias, entre bandeiras palpitantes, notas de fanfarras estridentes de jubilo, misturadas ás vistosas grinaldas patrioticas de flôres de rhetorica e de outras flores, se houver.

De pé, cabeça ao tempo e mão no peito, deixemos que nos penetrem, de alma a dentro, as gloriosas notas do hymno, penetrando-nos, a seguir, todos os escaninhos da alma e ahi instilando os seus calidos efluvios de enthusiasmo patriotico.

Viva a Republica e, com a Republica, viva, egualmente, o novo governo que se inaugura, para a continuação da sua felicidade e em continuação de todas as que antes vieram e todas para esse mesmissimo e unico fim.

Este anniversario das instituições republicanas e da democracia nellas promettida é, com ser advento de governo para um novo periodo presidencial, mais particularmente festivo e mais deveras festejado. Poderá haver quem, de pouca memoria ou de alma esteril, possa se esquecer de estar hoje, radiante de alegria, em pleno regosijo, festejando os 36 annos que completa o regimem; que não festeje o governo que sóbe, que esqueça, que não sinta, com este 15 de novembro, as emoções de uma madrugada de oiro e rosa, isso é que não; não ha ninguem.

Devidamente embandeiradas, portanto, estas mal traçadas, mas muito commovidas regras, procuram exprimir, juntamente com o jubilo pelo dia natal da Republica, o enthusiasmo com que applaudem e, desde já admiram, o governo deste quatriennio que começa, era nova e feliz da historia patria, segundo todas as promessas e algumas esperanças.

Em côro com a convicção geral, não hesitamos proclamar que, melhor do que o governo que sóbe só o que subir... daqui a quatro annos.

* * *

O boato alarmante foi abundantissimo, como era de prever, nesta ultima quinzena de periodo presidencial, quadra particularmente propicia a esse curioso sport. Sómente, desta vez, o boato alarmante deve ter sentido o feitiço virar contra o feiticeiro e elle, boato, é que se ha de ter alarmado, a valer.

E não era para menos. Imaginem que a imprensa conservadora e patriotica, columna mestra da ordem e da legalidade, perdendo a paciencia, a sadia e bem repousada paciencia da boa digestão, exacerbou-se contra o boato, apontou o scelerado aos rigores da policia, ameaçando-o com as penas mais terriveis, a começar pela de lingua cortada. Tratando-se de boato e de boateiro é esse o castigo por excellencia. A forca é contra indicada, visto que estende e augmenta a lingua dos faladores.

Apesar de denunciado, ameaçado e apontado á execração pelo jornalismo intransigente e imperterrito na defesa da moral e dos bons costumes, o boato, teimoso e recalcitrante, insistiu e, como estimulo pelo acicate da boa imprensa, redobrou de fecundidade, entrou a soprar mais forte e a zumbir mais alto, subindo do ciciar ao marulho e, sempre em crescendo, chegou a roncar por todas as suas trompas de paz e de guerra.

Mercê de Deus, no tocante a máos presagios, parece que podemos estar tranquillos e o boato limpar as mãos á parede. Nada de tudo quanto annunciou, fazendo andar a gente com o credo na bocca, todos estes dias mais proximos de hoje, o grande dia da passagem do fitão e do pennacho.

Quanto ao resto, a um bandão de coisas graves, que o boato viu e descreveu, com côres de arrepiar cabello e carne, passados por todos estes Brasis, é como se tudo não passasse de mentira, mesmo que tudo fosse verdade, desde que não tiveram consequencia...

Contentem-se os boateiros com o susto que pregaram, e não foi pequeno, e a imprensa conservadora e patriotica que suspenda a sua santa e furiosa colera.

CORRESPONDENCIA INEDITA DE OLAVO BILAC

A AFFONSO ARINOS

Ouro Preto, 14 de Janeiro de 1894.

Meu caro Affonso, duque soberano e senhor de m.ª estima.

Valete, domine! Não sei se esta carta ainda o encontrará ahi. Deus permitta que não, porque as saudades por aqui já vão sendo intoleraveis: falta-nos a bella prosa da *garçonnière,* falta-nos Iron Tonic Beer, e mais do que tudo, falta-nos o nosso bello Affonso. Do Morro da Forca ao Cruseiro do Padre Faria, e do morro de S. Sebastião ao alto do Itacolomy, todos os olhos femininos andam encharcados de lagrimas de saudade por sua causa, maroto! (Perdôe vmcê.).

Recebi a sua carta hoje. O enigma final foi logo comprehendido por todos nós, que a lemos em sessão solemne eu, o duque de Saporta, o conde de Bretas, o marquez de Faria Alvim, o baronnet Alvares, e outros preclaros luminares da nossa roda, descendentes, como nós, das mais velhas familias do mundo. Ficou resolvido por todos que lhe escrevesse eu, meu caro e nobre duque, pedindo-lhe que volva quanto antes ao solar abandonado. Os *schrapuells* demagogicos e as granadas republicanas podem profanar com o seu contacto impuro e fatal esse bello corpo apollineo, que queremos são e rijo, para Gloria maior das altas casas dos Mello Franco e dos Py y Camacho. Não retarde vmcê., muy presado senhor da minha particular amizade, a hora, entre todas abençoada, em que poderemos apertar nos braços esses gloriosos ossos em que medra a moella dos primeiros Cruzados.

Que noticias darey a vmcê. destes Reynos e dos amigos e eguaes nossos? A vida aqui está estagnada, sem a vivacidade e o fulgor de vmcê. O conde de Bretas fez annos hoje: fui ao seu solar do Bobadella levar-lhe as saudações do meu amor. O duque de Saporte continúa (mal de mim!) a soffrer dos achaques que vmcê. já lhe conhece, e que as más lingoas plebéas d'aqui attribuem a alcoolismo chronico: esses achaques e mais os outros (os de calembourgs) aborrecem-me extremamente; mas, tenho fé que, em chegando vmcê. a q. D. g. p. m. a., os seus bons conselhos o obriguem a ir com menos sede e menos frequencia ao póte da laranginha e dos trocadilhos. Tambem do baronnet Alvares têm de ser más, desgraçadamente, as noticias. Esquecido dos deveres que lhe impõem a sua alta linhagem e o vivo renome dos seus maiores, metteu-se a poeta e deu á estampa um livro de versalhadas. Ponderei-lhe em vão que isto de andar com o nome por debaixo de cousas, pelas gazetas, é arte de advenas de sangue agoado e bobos de côrte; disse-lhe mais, tambem em vão, que a maior gloria de que se póde jactar um fidalgo de tão nobre estirpe, (como a de vmcê., a d'elle, e, graças a Deus, a minha), é a gloria de não saber ler nem escrever, — officios bons para clerigos e licenciados que não para duques. Tudo em vão! valha-me a Providencia Divina, já que de outra valia me não posso soccorrer! — O duque de Riancho de Camarim Camarato Camarote y Bellotas de S. Thomé de Riba acima ganhou outro concurso daquelles exercicios escabrosos: dado como elle é a essas cavallarias altas e pórcas (com perdão de vmcê.) não me espantou o triumpho: só me espanta a rigidez que elle conserva e a perseverança com que se atira aos sitios exquisitos. Da outra parte menos illustre da nobreza daqui, nada escreverei, senhor meu, porque o tino que Deus me deu não ha de ser empregado em tratar de ralé e vil canalha. Poraqui me fico, porque se bem me sóbre a vontade de prolongar a confabulação com tão preciosa pessoa, falta-me o tempo e mingoa-me o papel para isso. Já que farte roubei o tempo de vmcê. Basta. Venha quanto antes, senhor meu: porque, em verdade, lhe digo que se a amizade é flôr que nasce por si no quintal do coração, a ausencia não é a agoa melhor com que se deva regal-a. Aqui me deixo á disposição de vmcê., para o que fôr servido ordenar-

me. Deus guarde a vmcê. por muitos annos e bons.

Villa Rica, em 14 de janeiro de 1720.

(Assignado de cruz)

DUQUE DOS GUIMARÃES (OLAVO).

A RODRIGO BRETAS DE ANDRADE

Meu caro Rodrigo,

Se sómente hoje te escrevo, é que sómente hoje tenho calma para tratar da inqualificavel infamia e da ignobil affronta de que fui victima. Sinto que hoje mesmo, apezar da amizade que te dedico e apezar do muito que te devo, não posso medir as minhas palavras, de nada a evitar que ellas offendam o teu melindre de ouro-pretano. Põe-te no meu caso, e imagina. Vê que decepção a minha: acreditava eu no que me haviam dito da hospitalidade, da bravura, da generosidade do povo de Ouro Preto; fiz a esse povo, em bem, o que pude fazer; não me péza na consciencia a recordação de uma unica incivilidade praticada por mim, durante o tempo em que ahi estive.

E, de repente, quando menos pensava, vi que esse povo heroico, esse povo hospitaleiro, esse povo generoso, tinha no seu seio mais de mil covardes, mais de mil imbecis capazes de fazer o que me fizeram. Tudo isto é tão torpe, tão pequenino, tão miseravel, que se não me alentasse o desejo que tenho de me vingar, já teria, n'um minuto de nausea suprema, enterrado uma bala na cabeça.

A *Folha* de Barbacena, injuriando-me, com uma crueldade que o seu director me ha de pagar com capital e juros, affirmou hontem que o velho, chefe de uma familia de covardes, se havia suicidado. Para esclarecer esse caso, de modo a poder pautar o meu procedimento pelo que exigirem de mim as circumstancias, requisitei hoje, por intermedio da delegacia de policia d'aqui, officialmente, da delegacia de policia de Viçosa, informação telegraphica, confirmando ou aniquillando o boato. Hoje mesmo devo receber a resposta. Obtida ella, começarei a ajustar contas.

Emfim, não foi para te dar essas explicações que deliberei escrever-te.

O que eu queria era agradecer-te, com abundancia de coração, o muito que fizeste por mim. Não me conhecias quasi, e fizeste o que não fizeram outros em cuja amizade velha eu acreditava.

Pagar-te-ei, (se é que essas cousas se pagam) com uma gratidão eterna. Dispõe de mim e ama-me. Não me julgues por o que te disseram de mim, nem por o que os meus desequilibrios revelarem. Não me desestime, só porque me vejas insultado e fugitivo. Verás que não sou homem capaz de deixar insultos sem castigo, nem affrontas sem vingança. Adeus.

Abraço-te o todo teu,

Mto. amigo e mto. grato

OLAVO BILAC.

Juiz de Fóra, 26-2-9.

A MARIO DE ALENCAR

Botafogo, 4 dezembro 1895.

Meu querido Mario.

Não pude assistir ao teu casamento, e ver o inicio de uma felicidade que adivinho perpetua e completa. Mas acredita que nas felicitações, que d'aqui te mando, ponho todo o meu coração de amigo velho e leal. Que valem palavras? tu bem sabes como amo o teu talento, o teu caracter, e, mais que tudo, a tua larga e seductora bondade. Abraço-te como um irmão, a quem quero ver sempre cheio de ventura e de gloria. Peço-te que apresentes as minhas homenagens á tua Senhora, a quem todos os teus amigos devem agradecer a luz que o seu amor trouxe á tua vida. Conserva-me sempre um pouco da tua amizade, que tão cara me é, crê na sinceridade e na inalteravel estima com que te abraça e beija o teu, companheiro fiel.

OLAVO BILAC.

Rio, 12-Abril-1911.

Meu caro Mario.

Vae ser publicada em Turim, durante a Exposição, uma REVISTA DO BRASIL, em italiano. Para ella estamos Souza Bandeira e eu colhendo material. Cada nome de autor será acompanhado de uma nota biobliographica. Dá-me qualquer cousa tua para essa REVISTA, — *em prosa*, qualquer cousa de critica, ou de costumes, ou de imaginação.

Parto para a Europa no proximo dia 19. Se não me mandares a tua bella prosa até essa data,

— endereça-a para Paris, Consulado do Brasil, 51, rue Cambon.

Abraça-te affectuosamente o velho am.º admirador

BILAC.

279, Larangeiras.

◆ ◆ ◆

14 set.º 1912.

Meu caro Mario. Recebi hontem o seu livro, e parto hoje para Europa; posso apenas mandar a V. algumas linhas curtas. Vou ler o livro, e hei-de lel-o e amal-o como tudo quanto sae do seu bello espirito e do seu bello coração.

Muito, muitissimo grato pelas amaveis e carinhosas palavras da sua carta de hontem, meu caro Mario; V. saiba sempre que sempre o admiro e estimo.

A minha ausencia será curta. O meu medico aconselha-me uma cura de mar, — como repouso para a convalescença (?) depois da grave doença em que beixei o buraco da Sombra.

— Deixei em mão do Souza Bandeira o meu voto para a eleição de hoje. Muitos abraços do velho admirador amigo

BILAC.

o o o

A DOMICIO DA GAMA

Meu illustre e caro amigo.

Tenho o prazer de lhe apresentar o meu amigo Dr. Claudio de Souza Junior, um moço distinctissimo, medico, e jornalista de talento. O Claudio vae entrar em concurso para o cargo de secretario de legação, — e desejava conhecer pessoalmente o amavel e eminente homem de lettras, que o glorioso barão do Rio Branco tem ao seu lado como principal auxiliar. Encarregando-me de fazer a apresentação, não me vejo na obrigação de gastar palavras: — o Claudio recommenda-se por si mesmo, pelo seu valor intellectual.

Creia, meu illustre confrade, na admiração e na amizade do seu

OLAVO BILAC.

29. novembro 1903.

o o o

Paris, 22-bd. des Italiens, 11 agosto.

Meu caro Domicio. O homem põe, e o trabalho dispõe. Fracassou o meu projecto de ficar por aqui. Parto para o Brasil no dia 26, e não sei quando voltarei. Quer V. alguma cousa para as terras da patria? Se sim mande-me as suas ordens.

O calor aqui é atroz!

Faço votos para que o seu estomago já tenha ficado bom, — como a Patria e as Lettras em geral, e eu em particular, havemos mister.

Um apertado abraço do seu muito sinceramente amigo e velho admirador

BILAC.

O NOSSO PROBLEMA MILITAR

Certo a necessidade do apparelhamento militar de um povo vale uma propria contingencia resultante da civilisação, seja qualquer o periodo historico que se considere na terra.

Não iremos, aqui, focalisar a continuidade do esforço humano dês o começo das primeiras organisações collectivas, pela defesa material do seu nucleo, das suas posses, das suas fronteiras mesmo eventuaes.

Si com o andar dos seculos poude-se conformar a existencia de cada povo a um certo numero de disposições escriptas, em beneficio da vida internacional, chegando-se já á quasi perfeição de um direito codificado para a sociedade das nações, em todo caso não diminuiu por isso, e parallelamente, a tendencia ao accrescimo do *poder offensivo,* para a maior efficiencia militar daquellas mesmas nações que de mais em mais se avantajaram em apparelhar exercitos e apparelhar esquadras.

Pelo momento, e ciosa dos seus destinos, nenhuma nação mostra siquer indicios de moderação no encarar os interesses da sua organisação militar. E, nesse sentido, leva-as a consciencia dos seus deveres e direitos no concerto universal das gentes.

De vista os tamanhos interesses que tem a acautelar, e ante os tão frisantes

exemplos que o cercam, devêra o Brasil descurar-se do seu problema militar, isto é, de pôr-se em condições de defender a sua soberania, seja a sua integridade, seja a honra da sua bandeira?

Infelizmente ainda estamos longe de uma solução satisfactoria nesse sentido.

Não temos tido permanencia nas idéas, nem firmeza nos propositos, ou o animo na vontade, ou a tempera que é o segrêdo do triumpho.

No que concerne ao problema militar ha principios que são immutaveis, o que não quer dizer invariabilidade de processos.

Si ha principios conductores ha um fio a se não perder jamais dos olhos.

Os processos, que dizem com a applicação dos meios, evoluem certamente, resultam de ensinamentos, são fruto da experiencia, a verdadeira mestra, mas delles independe a directriz de um programma ou a continuidade de um plano.

Sem duvida a linha de um programma em materia militar provem de uma orientação definida em materia politica.

Sob o ponto de vista politico, tomada a expressão na elevada accepção em que deve pairar, a verdade é que não houve ainda vislumbres de criterio firmado no que concerne aos reclamos da defesa nacional.

Nenhum exagero.

Fazer politica no Brasil, ou sêr lidimo republicano, é ainda, pelo conceito commum, caçar attonitamente o relêvo das posições e ahi se mantêr em equilibrio indifferente.

Essa falha fundamental, que traduz ausencia de ideaes, acarreta o predominio das ambições nem sempre confessaveis do egoismo ao sabor de méras preferencias personalissimas. E os interesses da collectividade, deslembrados, seguem á voga do destino.

Este phenomeno, de observação corrente, arrasta consequencias graves, uma de cujas tem o seu reflexo, bem pronunciado, nos vae-vens a que ficaram subordinados os mesmos interesses da organisação militar do paiz.

Fóra é de duvida que a despeito de certos erros dos homens, e da sua negligencia, ou do seu meio-patriotismo, raramente patriotismo inteiro, alguma coisa ha sido feita nos intervallos deixados á lucidez e ao devotamento de alguns espiritos eventualmente postos com acerto nos logares de dirigentes responsaveis.

Que é o problema militar do Brasil?

Têr um exercito, têr uma marinha porporcionadas á necessidade da defesa do seu territorio contra toda agressão extrangeira, e tambem á manutenção das leis no interior.

É uma definição lacunosa, mas ajustada ao espirito da nossa constituição politica.

Temos, na realidade, esse instrumento de defesa propria?

Não o possuimos ainda.

Contentamo-nos, como principio, em appellar para medidas de emergencia dictadas pelas circumstancias nas occasiões de crise.

E, não havendo, o traço da continuidade de propositos, procedemos a soluções por partes, sem a connexão de um plano, e, pois, sem entestar com o problema no conjuncto das suas faces.

Dess'arte, ainda não resolvido o problema da mobilisação, á carencia de reservas, sem poder concentrar tropas á falta de meios rapidos e bastantes de transporte, não seria das melhores a perspectiva que se abriria a uma nação, que em taes condições, e sem recursos proprios da fabricação do material e munição, se encontrasse ante a eventualidade, sempre possivel, de um conflicto internacional.

Não estamos aqui para estabelecer confrontos, por via de comparações que nos deixariam sob a evidencia do atraso em que nos encontramos no proprio continente americano do sul.

O que desejamos, tão sómente, é pôr em destaque as nossas necessidades, afim de que procuremos os meios de satisfazel-as no mais breve prazo por um trabalho seguido de realisação, empreza formidavel, mas, sob todos os aspectos, exequivel.

E de que carecemos?

— De resolver, logo, o problema do

recrutamento do soldado, que nelle se cifra toda a questão dos effecitvos, na paz e na guerra;

— de resolver a questão do officialato de reserva, sem o que não se enquadrarão jamais os effectivos de mobilisação;

— de encarar o problema dos transportes ferro-viarios para os theatros eventuaes das operações, materia a que aqui nos referimos sem sobre ella demorar por motivos de facil comprehensão;

— de, no mesmo sentido, estudar e executar a construcção de estradas de rodagem.

São questões essenciaes.

Do mesmo passo considerar a questão do aprovisionamento das unidades em armamento e munição, o que importa em desenvolver as industrias correspondentes no paiz de um lado, e, de outro, assegurar a compra no extrangeiro em caso de guerra: necessidade, pois, de uma marinha efficiente.

De algum tempo para cá um ponto de real importancia nos preoccupa, e, nesse rumo, os melhores proveitos vamos colhendo.

Refirimo-nos á instrucção profissional dos quadros. Não resgatariamos nunca o serviço inestimavel da missão militar franceza nesse sentido.

Vamos assim constituindo paulatinamente, em bases solidas, quadros capazes para o commando. Precisamos, porém, levar mais largamente a sua contribuição á Escola Militar e, tambem, ás unidades de tropa.

De realmente notorio é, por assim dizer, o que possuimos. E não é pouco, porque sem a organisação de commando, sem a capacidade profissional dos quadros, não poderá sériamente marchar qualquer apparelhagem militar.

Ora, do que se deduz, um vasto programma de trabalho teria, indubitavelmente, o governo que se impuzesse resolver o problema das nossas forças armadas.

Passam os homens, elles se succedem, em regra não se valem, mas as instituições, com ligeiras variantes, permanecem.

Por vezes estadistas de vulto se adeantam ao seu tempo, têm a firme visão do futuro, levantam em determinado sentido as forças vivas da nação.

Inesperadamente sobrevem um collapso e onde se suppunha plethora de vida ha um pulso que cále ameaçadoramente como num organismo sem resistencia.

Seria esta, para exemplo, a historia do serviço militar obrigatorio. Para só citar uma entre tantas.

E, todavia, pratica-o, serenamente, vizinha a nós, uma grande nação do sul, para mais de dous decennios...

Na mesma quadra um governo conseguiu realisar o sorteio militar, sob os melhores auspicios e foi, por egual, lançada em mensagem a idéa da formação de um Conselho da Defesa Nacional, indiscutivelmente um orgam necessario ao melhor estudo das questões concernentes á segurança do paiz.

Entretanto, até hoje não se cogitou de organisar tão util instituição.

Do que acabamos de escrever, e o escrevemos sem nenhum desejo de carregar as côres da realidade, resulta, e nisso se resume o nosso proposito, o amplo programma que se imporia uma administração animada da decisão de atacar, de frente, e pela base, os interesses da organisação militar do paiz.

E, em nome da segurança nacional, já é tempo de cuidar, sem displicencias sempre condemnaveis, de questões tão sérias.

PEDRO CAVALCANTI.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

POEMAS DE MANOEL BANDEIRA

ORAÇÃO A TERESINHA DO MENINO JESUS

Perdi o gosto de sofrer.
Ora essa.
Não sinto mais aquele gosto cabotino da tristeza.

Quero alegria. Me dá alegria,
Santa Teresa!
Santa Teresa, não. Teresinha
Teresinha... Teresinha...
Teresinha do menino Jesus.

Me dá alegria
Me dá a força de acreditar de novo
No
Pelo Sinal
Da Santa
Cruz
Me dá alegria! Me dá alegria
Santa Teresa!
Santa Teresa, não: Teresinha
Teresinha do menino Jesus

ORAÇÃO NO SACO DE MANGARATIBA

Nossa senhora me dê paciencia
Para estes mares! para esta vida
Me dê paciencia para que eu não caia
Pra que eu não pare nesta existencia
Tão mal cumprida, tão mais comprida
Do que a estrada de Muramba'ia'...

RECORDAÇÕES DE DONA QUITERIA

SEGUNDA PARTE

Advertencia do Editor.

A segunda parte das — Recordações — *compõe-se de varios cadernos, com a apparencia de terem sido feitos e refeitos mais de uma vez. É evidente que a autora entremetteu algumas interpolações ao texto primitivo; ella, ou outra pessoa interessada ou talvez ainda uma collaboradora anonyma. Nesta ultima hypothese, a conjectura mais razoavel é que de mão commum escreveram Dona Quiteria e Dona Florentina.*

É pelo menos essa a hypothese que levanta menor numero de difficuldades.

Os leitores devem lembrar-se desde a primeira parte destas memorias que era Florentina pessoa odiosa para Quiteria pelas caricias de voluptuosidade excessiva que lhe fazia e os apertões que lhe dava nos corredores e lugares ermos. Achava-a perigosa e de maus instinctos...

Agora, apparecem amigas inseparaveis, mysterio difficil de comprehender e que attribuo a alguma arte maligna e diabolica.

Entretanto, como disse Camões quem não conhece a arte não na estima, é verosimil crêr que a Florentina a convertesse a qualquer verdade transcendental de natureza, obscura para mim e que só um theologo versado em casos de consciencia poderia esclarecer.

Aliás, a volubilidade tão propria do temperamento feminino po-

de explicar a inversão de valores que da mascula Florentina fez a graciosa e suave Titina *da segunda parte das* Recordações. *Prodigios sentimentaes do amor platonico!*

Outra observação que occorre naturalmente é que a autora poucas referencias faz ao Desembargador Cantidiano. A omissão talvez casual não offerece margem ao commentario do editor. Um marido decrepito pode ser supprimido sem espanto; pode ser visto ainda ao seu lado, mas é a ultima perambulação da morte neste valle de lagrimas. Todavia, o desembargador Cantidiano sempre jovial e risonho não inculcava a tristeza nem a saudade dos que se vão para as longas terras da eternidade.

A verdade, porém, é que poucas vezes intervem nas Recordações *mesmo a titulo de sombra, porque essa naturalmente não existe, ao meio-dia, no esplendor da vida. Fica-lhe aos pés, invisivel.*

Tambem é curioso apontar que entre a saida da escola e as primeiras linhas desta segunda parte deviam mediar alguns annos, quatro ou cinco, sem historia, o que é sinal de paz e frivolidade na vida de Dona Quiteria. Provavelmente, consumiu-os a senhorita de então em danças, visitas, tangos e flirts innocentes. Tudo isso ajudou-a a crescer e a receber a alma que não tinha, como descreve em um dos capitulos.

Amou. Fez-se noiva. Casou. E o casamento é epilogo forçado para qualquer comedia terrestre. Quem é que vae á força? perguntam os yankees *á passagem de um prestito nupcial.*

Vão dois (outros dizem tres) que o confessem os maridos de Dona Quiteria. Mas o mundo não é composto de Quiterias, graças á divina sabedoria que ordenou as coisas deste planeta.

I

Depois da escola, o mundo abre-se como uma rosa. As petalas, encolhidas ha pouco, desdobram-se, ganham espaço e cobrem-se da poeira de ouro da luz.

Sente-se a voz das abelhas errantes que sublinham o perfume nascente e sensual dos estames.

É a vida que começa . . . . . .

. . . . . .

II

Fizemos nesta semana passada um conhecimento precioso. Esteve em nossa casa Dom Manolo de Terreros y Navas, um sul-americano, incerto, homem indefinido, grande conhecedor das duas Americas, que fazia a politica pan-literaria das gentes luso-hispanicas do Novo Mundo.

As más linguas diziam que elle era brasileiro a julgar pelo seu espanhol terrivelmente pronunciado, com pigarros de gôgo gallinaceo.

— O modo como elle assobia o castelhano parece indicar que é de Cochabamba ou de Iquitos.

Essa era a opinião de M'sier Tekserá, trugimão domestico.

Corriam versões disparatadas a respeito desse Dom Manolo. A lenda mais acreditada parecia ser a de que odiava todos os poetas barbados, convencido que as Musas eram imberbes e só não vestiam saias por ser esse indumento contrario ás verdades mythologicas.

Como quer que seja, Dom Manolo gozava de vasta e merecida popularidade nos meios intellectuaes e mundanos.

Tudo quanto elle punha em pé, ficava estatua para os olhos de toda a gente. E tudo quanto elle demolia não passava de destroços e ruinas.

Era uma especie de vice-rei das Americas.

Dom Manolo, porém, não podia ser nacional e nem seria de Iquitos. Seria provavelmente um desses homens neutros que perambulam, fronteiriços e amaveis, entre povos timidos e desconfiados.

Uma das suas nobres qualidades era a de trabalhar pela nossa educação do gosto e fornecer-nos horas de «prazer intellectual» como dizia. Tornara-se espontaneamente o emprezario de *chiquillas* e *muchachas* que temendo os riscos provaveis das zarzuelas praticavam a arte de salão destinada a commover as almas sedentas de poesia

Quero falar das *diseuses*.

Depois que deixei a escola vim a conhecer as *diseuses* mais celebres do Rio de Janeiro. Frequentei varios recitaes, applaudi, chorei e sempre encantado por essa arte nova.

Para mim como para muita gente, os versos que ahi andam nos livros, são tolos, insulsos e não valem o papel em que se embrulham. As *diseuses* animam esses pacotes, dão-lhes graça, finura e belleza diabolica que não pareciam ter. Olhos languidos, braços de serpente, flexibilidades satanicas, arrastam a multidão fragil e caroavel aos feitiços da belleza.

Esses encantamentos das nossas *diseuses* valorizaram já incriveis asnidades poeticas.

Nessa Arte Nova os libretos podem ser pessimos á vontade.

No Rio, as *diseuses* são muitas, tantas como os numerosissimos poetas. E emquanto estes languescem nas livrarias, alimentando com caridade franciscana o irmão cupim, as *diseuses* vivem e circulam, passam cartões (alguns, salgadinhos) para as suas festas «*de fino gozo intellectual*» como diz Dom Manolo de Terreros y Navas.

As *diseuses* concorrem (como os livros distribuidos de graça) para a boa vulgarização da literatura nacional. Apenas, custam mais que os miseros volumes que pesam pouco para a computação em kilos.

Numa terra sem arte, infensa á leitura, as *diseuses* formam um exercito profissional de primeira linha.

Tive, pois, uma alegria enorme quando Dom Manolo de Terreros y Navas disse a meu pae que iria apresentar-nos uma grande *diseuse* do Prata, a famosa Juanita Arraburitz, descendente de fidalguia bascuense que emigrara ha dois seculos para as pampas solitarias.

Adornamos a casa para a recepção do genio errante que nos vinha revelar algumas das raras maravilhas do engenho poetico de outras terras.

Meu pae, o Barão de Portella, foi sempre sumptuoso e magnifico nas suas festas de mundanismo carioca, e, desta vez, excedeu-se a si proprio.

Eu, commovida, esperava. Convidei as minhas amigas, algumas dellas tambem *diseuses* de nomeada, um pouco suspeitas, é verdade, mas promptas sempre para esses acepipes ethereos de palavras lacrimantes e humidas.

Chegou, afinal, o dia.

III

Num momento a surpreza invadiu o salão illuminado.

Entrava a *diseuse* Juanita Arraburitz de quem tanto falavam as gazetas em formidaveis adjectivos.

Era, de facto, uma lindeza toda graças e formosura.

Sentimos-nos todas nós mulheres que alli estavamos a superior fascinação daquelle peregrino rosto. Quantas paixões não devia ella despertar naquella famosa *tournée* de poesia e de graça!

Meu pae que não é pêco avolumava-se, redondo, inchado e expansivo.

Minha mãe de grande scepticismo quanto á virtude dessas mulheres advenas não comprehendia a elasticidade que as fazia alongar-se do patrio lar em busca de glorias ephemeras e distantes.

Pela minha parte era a primeira vez que via, de olhos vistos, uma *diseuse* viajada e de outros climas.

O sul-americano que a acompanhava, Dom Manolo, alto, grave, de olhos lacrimejantes parecia reflectir a hallucinação do auditorio a quem bastaria olhar e dispensaria ouvir a encantadora imagem que nos fascinava.

Não cessava na sala o murmurio admirativo dos convidados. A Florentina de esgares lascivos quasi inconvenientes, projectando os labios grossos parecia enviar beijos imaginarios e criminosos. O poeta Cazaza Gomes meloso e cabelleirudo que sempre se intromette onde ha mocinhas, batia os beiços como rezando baixinho, derretia-se, untuoso, antecipando aventuras provaveis. A um canto dois sujeitos intrataveis discutiam se se havia de dizer *diseuse* ou *dictriz*, invenção vernacula «sem o veneno de morbo gallico». Não percebi.

Dom Manolo de Terreros y Navas que era o introductor, saboreiava o espectaculo que promettera dar á esplendida assistencia. Era muito apresentado...

— *Ya sabe usted que yo soy...*

Sim, senhor! Todos sabiam que elle era o grande intermediario do hispano-americanismo, homem pesado, continental e immenso.

Quem ousava ignoral-o?

E elle apresentava regaladamente com grande emphase prosodica:

— Juanita Arraburitz!

— *Dominus tecum!* murmurou um sujeito ignaro que estava ao pé de mim.

— Não está espirrando, disse eu. É o nome da *diseuse*.

— Desculpe-me, suspirou o desenganado hospede. Suppuz que Dom Manolo estava endefluxado.

As conversas todas literarias e de fino gosto prosperavam naquelle ambiente, quando, com voz imperativa e forte, clamou o sul-americano:

— *Niña Juanita, puede empezar...*

Fez-se um grande silencio em toda sala. Dom Manolo com um gesto categorico a moda de guarda do transito espalmando a mão, fez recuar e acamar toda gente para um lado, ao passo que a incomparavel *diseuse*, só e, desembaraçada, com espaço livre para as gesticulações poeticas, começou:

Mi pobre amor...

— *Non es un poema de otra mano* (disse o sul americano) *sino que ella misma lo escribio hace dos años en mi presencia.*

Restabeleceu-se o silencio e a formosa *diseuse* continuou:

Mi pobre amor...

Mi pobre amor se está yendo...
Yo me quedará llorando...
La lluvia, leve, cayendo,
una nube, allá, glisando...

Mi pobre amor se está yendo.

Lejos, muy lejos! soñando
la dulce amada, y tejiendo
su ilusion, que voy matando...
Mi pobre amor se está yendo...

Vozes ao longe de uma farra que passava:

Na Bahia tem
Vatapá
Na Bahia tem
Carurú.

O sul-americano indignou-se com essas vozes plebeias que interrompiam os amavios da bella *diseuse* e gritou, imperativo, — *Cerren las ventanas!*

O sujeito ignaro que estava ao meu pé, puxou do lenço e ia tapar as narinas, quando lhe eu adverti:

— Não é tapar as ventas que elle pede, mas é fechar as janellas, que subitamente foram fechadas.

A *diseuse* continuou dulçorosa:

Mi pobre amor se está yendo...

Que pasa que nada entiendo?
Que pena se va acercando?

La lluvia leve cayendo...
Una nube, allá, glisando...
...teziendo

su ilusion.....

Mi pobre amor se está yendo...
Yo me quedaré llorando!

Palmas estrepitosas cobriram as ultimas palavras da *diseuse* que tão admiravelmente interpretara o sentimento, a languidez e a melancholia do poema. E como fazia um calor insupportavel, reabriram-se as janellas.

Etraram por ellas reconfortantes lufadas de ar fresco que ainda traziam longinquas, amortecidas, aquellas vozes protestativas jacobinas, plebeias e patrioticas:

Vatapá!
Na Bahia tem,
Carurú!
Na Bahia tem
Mugunzá!

João Ribeiro.

INEDITOS DE JUNQUEIRA FREIRE

(PUBLICADOS POR AFRANIO PEIXOTO, CONTINUANDO O ENSAIO LITERARIO QUE SAIU NOS NUMEROS PRECEDENTES DA «REVISTA DO BRASIL»).

I

PAGINAS DO CORAÇÃO

VI

Reflexão, reflexão, que preguiçosa
Que sempre vens?
Como ronceira nau de carga em lastro,
Prenhe de trens.
Que não venhas mais cedo, — que teu lume
Logo não lusa!
Não desvairara tanto o homem co'a mente
Dubia, confusa.
Alheia da verdade, não servira
A vis paixões:
Qual criminoso atado ás ferropêas
De acres prisões.
Que monta a vida irreflectida e basta
De desatinos?
Um barco sem arraes, — vai onde o empurram
Vagos destinos.
Que monta o homem, que em seu fim marcado
Nunca medita?
Que no cahos do passado e do futuro
Olho não fita?
Que em deshoras gentis de noute velha
Não despertou,
E que sobre si mesmo um só minuto
Não pranteou?
Que ũa vez não torrou em chamma ascetica
Maus planos seus?
Que não se prosternou anniquilado
Á cruz de Deus?
Os maus, os maus, — que as lagrimas a face
Não lh'a assombrêam:
Que o sainete do calix dos remorsos
Não saborêam.
Ha hi mais bello enfeite em bellos olhos,
Que um doce chôro
Quando pullula subito d'os folhos
Do intimo fôro?
Eu por mim chorarei sempre meu chôro
De almos dulçores:
Que não posso applicar melhor mezinha
A minha dores.
Dobre-se o coração em seus involucros,
Chore consigo:
Consigo se concentre, como um morto
Em seu jazigo.
Sempre serão felices juncto o sizo
E o coração:
Ao coração o sentimento e ao sizo.
A reflexão.
Oh decepção! — que o coração co'o sizo
Não quer-se unido:
Guerra haverá de morte: oh Deus! qual delles
Será batido?

VII

Ha hi no coração um sentimento
Doce e tocante:
Que impera nelle, como um throno de ouro
Rei triumphante:
Sentimento de amor d'alta justiça
Mixto de dores:
Ardor de sensação, conto de maguas,
Ceu de dulçores:
Candido, como um bando de alvas garças
Voa nos ares
Cantando inscios peixinhos na lisura
Dos vitreos mares.
Nan-o sabem os maus: é-lhos fechado
Tão sancto asylo:
Que não podem libar de um soffrimento
Manso e tranquillo.
Qualidades d'as almas escolhidas
É o remorso:
Delle aos instinctos os varões mais fortes
Dobram o dorso.
Covardes não lh'o dobram: fogem delle
Com arte e esmêro:
Só lhes toca em quinhão porção sobeja
De desespêro.
Não se arrependem nunca: assim disseras
Corsel sem brida
No anteposto despenho esbarrondando-se
Na agil corrida
O candido remorso em torno as asas
Libra no justo:
No seio o acolhe o justo e o acoberta
Sem frio susto.
Será de animo vil moldar-se ás normas
Da natureza?
Em homem amostrar essencia de homem
Será fraqueza?
Não quero o coração, que um só remorso
Nunca sentiu:
Não quero a bocca, que dorida phrase
Nunca exprimiu:
Talvez religião nunca bebera
Tal coração:
Talvez tal bocca nunca articulara
Uã oração.

(Cf. com o original, nos archivos da Academia Brasileira. Estas «paginas do coração», ou continuam partes anteriores, e perdidas, de uma longa poesia, pois que são numeradas VI e VII, ou essa poesia existe — e é nossa opinião — e é a poesia «Meditação», impressa nas «Inspirações do Claustro», de paginas 51 a 62, que se compõe de I, II, III, IV e V partes, terminando assim

Deixa-me entregue a solidão da noite

Á reflexão

Os versos, agora publicados, tomam a deixa: «Reflexão, reflexão...». Seriam datados de 17 de novembro de 1851, se não foram conclusos mas tarde).

II

TEUS OLHOS

Que lindos olhos
Que estam em ti!
Tam lindos olhos
Eu nunca vi...

Pode haver bellos
Mas não taes quaes,
Não ha no mundo
Quem tenha eguaes.

Sam dous luzeiros,
Sam dous pharoes:
Dous claros astros,
Dois vivos soes.

Olhos que roubam
A luz de Deus:
Só estes olhos
Podem ser teus.

Olhos que fallam
Ao coração:
Olhos que sabem
Dizer paixão.

Teem tal incanto
Os olhos teus!
— Quem pode mais?
Elles, ou Deus?

(Cf. com o original, da mão do Poeta, entre os manuscriptos do archivo da Academia Brasileira.)

III

AQUI

Talvez agora entre os convivas ebrios,
Nas turmas dos mentidos namorados,
Ella se esquece dos meus puros gostos,
Por nós aqui passados.

Aqui — já era noute... eu reclinei-me
Nas molles formas do virginio seio:
Aqui — sobre ella eu meditei amores
Em doce devaneio.

Aqui — ind'era noute... eu tive uns sonhos
De monstruosa, de infernal luxuria:
Aqui — sobre'ella estremeci, sonhando,
Em amorosa furia.

Aqui — quasi manhan... eu contemplei-a
A resfolgar com agradavel ancia:
Aqui bebi seu halito em torrentes,
Torrentes de fragrancia.

Aqui — era manhan... vi-a sentada
Sobre o sophá — voluptuosa um pouco:
Aqui — prostrei-me a lhe beijar os rastros
Allucinado e louco.

Aqui — ardia o sol... ella beijou-me,
Para applacar-me a fervorosa calma;
Aqui — meus hymnos sensuaes cantando,
Ella embalou minh'alma.

Aqui — era de tarde... eu pude ouvir-lhe
Protestos firmes de um amor eterno:
Aqui — ella sellou-me estes protestos
Co-um beijo mais que terno.

Aqui — oh quantas vezes!... eu a tive
Unida a mim — a derreter-se em ais:
Aqui — ella ensinou-me a ter mais vida,
Sentir melhor e mais.

Aqui — oh quantas vezes!... eu a tive
Em accessos de amor desfallecida! —
Lasciva e nua — a me exigir mais gostos
Por sobre mim caida!

Mas lá talvez ella se esquece entanto
D'os nossos lindos tempos já passados:
Agora folga entre os enredos torpes
Dos falsos namorados!

(Cf. com um original do Poeta, em manuscriptos autographos, do archivo da Academia Brasileira, e uma duplicata, a parte, da mão de Junqueira Freire, hoje appensa a um meu exemplar da 1.ª edição das «Inspirações do Claustro»).

IV

MONASTICA

(Ao dia da minha profissão)

Ao cabo amanheceu: — e o ceu mostrou-se
Mais puro e lhano:
— Ao cabo amanheceu: foi longa noute
— Noute de um anno!
Somno comprido e tenebroso e triste
O somno da saudade!
Coado em dores, expremido em prantos
De anciedade.
Tambem a immunda larva espreita um anno
A mariposa:
Tambem eu fui assim: — e qual cadaver
Em torpe lousa.
É tempo, é tempo: — e a larva espedaçou-se
— E revoei:
Quebrouse al fim a lage do sepulcro
— Resuscitei.
Resuscitei após cumprida noute,
Negra e tardia:
Oh! — que seja tam longa, qual foi ella
Tam bello dia!

*
* *

Porque, — meu Deus! — é rapida, tam subita,
A hora do prazer?
Porqu'assim voa, — e a memoria fica,
Para mais nos morder?
Não ser, — meu Deus! não poder ser eterno
O gozo desse dia!
Mas, ah! — não seja essa canção saudosa
Qual funebre alegria!

(Cf. com o original, da mão do Poeta, hoje no archivo da Academia Brasileira).

V

A FOLGA

(Montserrate, 28 de novembro de 1852)

Os dias da folga são nossos suores,
Custaram um anno de côro estirado.
— Somente um minuto do tempo presente
Importa semanas do tempo passado.

Os dias presentes custaram fadigas,
Com ellas perdemos metade da vida:
Sequer ũa hora tão caro comprada
Não pode, não deve jamais ser perdida.

E' cada grãosinho de arêa ligeira,
Que cai d'ampulheta do tempo fatal,
— Nos vele um arranco da curta existencia,
Nos vele ũa gotta de sangue vital.

A custo das nossas angustias de outrora
Ganhamos a palma da sancta alegria:
Agora das horas, que fogem tam breves,
Jamais ũa hora deixamos vazia.

Os dias passados de nossa existencia
No côro, nos claustros, nas cellas perdemos:
Taes dias agora — no seio dos gostos —
Taes dias, amigos, aqui recobremos.

Sim: recobremos os passados dias,
E as horas vans de nossa esteril sorte:
Vamos a vida dilatar nos gostos,
Vamos nos gostos triumphar da morte.

Vamos depressa: — que estes dias fogem,
Como um sonho feliz entre desgraças:
Vamos depressa: — que depressa morrem
Da juventude as namoradas graças.

As horas do prazer depressa passam,
Como a fugir da viração suave:
Mas as horas de dor — em mal dos homens —
Marcham com passo preguiçoso e grave.

Vós, oh dias de sol tam bonito
Que raiais, reflectis nesse mar!
Suspendei vosso leve galope,
Caminhai com mais tento e vagar

Vós, oh noutes de fresco sereno,
Vós, oh noutes de claro luar!
Não piseis vossas nuvens com força,
Caminhai com mais tento e vagar.

Vós, oh fluxo e refluxo continuos,
Vós, oh fervidas vagas do mar,
Moderai esta acção repetida,
Enrolai com mais mimo e vagar.

Vós, oh astros luzentes do espaço,
Globos de ouro suspensos no ar!
Percorrei vosso gyro mais lento,
Caminhai com mais tento e vagar.

Dilatai-nos as horas do gosto
Neste ameno, incantado logar!
Dai-nos mais as maiores delicias
Dai-nos mais sensações devagar!

Aqui as horas conservam
Mais duração de prazer:
Aqui a vida terrena
Maior, melhor sabe ser.

Aqui são bellos, são puros,
São mais fragrantes os ares:
As brizas são salitradas
Pelos suspiros dos mares.

Aqui o peito sensivel
Menos sente a sua dor:
Aqui o peito do amante
Sente mais o seu amor.

Aqui a face da virgem,
Que o bardo viu outro dia,
Tambem assume mais gala,
Inspira mais poesia.

Aqui o homem levanta
Sobre a desgraça um tropheu
Aqui a vida da terra
Tem as belezas do ceu.

Da vida breve da terra
As horas aproveitemos:
Das dores, que sempre ficam,
Agora nos deslembremos:
A dos prazeres, que fogem,
Estes momentos gozemos.

(Cf. com o original, da mão do Poeta, hoje no archivo da Academia Brasileira).

VI

MEDITAÇÃO

Quando em arroubo insuperavel d'alma
Eu te estreitar ao peito:

Quando eu me esperguiçar sobre teus membros
Em teu divino leito:

Quando eu libar o nectar de teus labios
Mais rubros que o delirio:
Quando eu beijar-te os pullulantes seios
Mais candidos que o lyrio:

Quando da terra vil — ambos unidos —
Formos longe — bem longe:
Virgem! — não lembres o horror do inferno,
Não me digas: «És monge!» —

Oh phrasi dos demonios, que invenenas
A taça dos amores:
— A taça estreme, onde ferver deviam
Delicias e dulçores!

Virgem! — não abras teus miudos dentes,
No meio do delirio,
Si, dentre elles, desferes como o raio,
A setta do martyrio!

Apalpa os crancos, que me roem n'alma,
Que o coração me comem:
Apalpa, oh virgem, o meu seio ao menos,
— Que me dirás: — És homem!

Sim: apalpa-me as fistulas internas
Vem ver como negrejam!
Como de sangue tépido, em golphadas,
Palpitando gottejam!

Ah! não, não venhas: — as cecens e as rosas
No ceno fanariam:
E as exhalações de um peito infecto
De certo te asphyxiam!

*
* *

Quantas vezes pensando em ti, oh virgem,
Pensando em teus primores,
Extasiado clamo: — ah não sou digno
De ti, de teus amores! —

Oh rosa do deserto, — quem cortou-te
Dos ramos verdes teus?
Quem te poz sobre o peito do poeta,
Si não a mão de Deus?

Tarde pousaste: — quando o meu momento
De morte estava dado:
E pousaste: — e não vias que pousavas
No peito de um finado.

N'um mesmo assomo, — mais rapido do que o [raio, —
Da cholera divina,
Que as estrellas palleja e os orbes treme
E as espheras tintina:

Sim: — n'um assomo de celestes iras
Quiz o Senhor assim:
Porque eu bem sei que não nasceste, oh virgem,
Não nasceste p'ra mim!

Quem os celestes, eternaes conselhos
Compr'hende ou adivinha?
Deus o quiz: — tu disseste-me: Sou tua: —
Eu te affirmei: — És minha! —

*
* *

Innocente! — não sabes as angustias,
Que em minha alma pelejam:
E nem sabes que as asas do infortunio
Em torno a mim voltejam!

Ah virgem! — eu tambem fui innocente,
Como tu és agora:
Eu cri no amor reciproco dos homens
Ao menos ũa hora.

E entrei no templo: e nos degraus das aras
Expandiu-se minha alma:
E apalpei-a: — e ante Deus e as aras
Eu encontrei-a calma.

E entrei: vi dominando sobre tudo
O nú materialismo
Sim, cre-me: — quem me dictou estas verdades
Não foi o scepticismo.

Eu mesmo vi nos labios a calumnia
Fervendo como o inferno:
Eu mesmo vi sobre fraternos peitos
Arder odio fraterno.

Eu mesmo vi de meus irmãos, que amava,
—De meus irmãos a ira:
E a consciencia me bradou terrivel:
— Seu amor é mentira! —

Eu mesmo vi reinando o interesse,
Qual válido gigante:
Eu mesmo vi quam fino era o tormento
De um coração de amante.

Eu mesmo vi o genio das intrigas
Levantar-se tyrannico:
E pel-as fibras intimas coou-me,
— Coou-me um terror pannico!

Eu mesmo vi erguer-se sobre todas
A fronte do traidor:
E eu murmurei bem dentro de meu peito:
— Aqui não ha amor! —

E veio o teu amor, - que me faltava,
Veio dourar-me a vida:
Veio accender-me o enthusiasmo e o gosto
N'esta alma enfraquecida.

E veio o teu amor, — qual sol ardente
Após noute hybernal:
E veio o teu amor, — qual astro novo,
Qual lucido fanal.

Veio dizer-me doce: — Ainda és vivo,
A morte está bem longe: —
Mas outra voz horrenda, como a guerra,
Veio dizer-me: — És monge! —

Não m'o digas jamais, oh virgem pulchra,
Quando eu cingir-te ao peito:
Quando eu me esperguiçar sobre teus membros
Em teu divino leito.

Quando eu comtigo unificarme em corpo
Algũas horas mais:
Quando penderem de teus doces labios
Minhas forças vitaes:

Quando eu cahir inerte e fraco e morto
Em pallido delirio:
Quando já não puder libar-te os seios
Mais candidos, que o lyrio.

* * *

Ao menos ũa vez olha-me, oh virgem,
Co'os olhos, que me cegam:
Ao menos ũa vez dá-me a ventura,
Que os homens me denegam!

NOTA:

Quando eu libar o nectar de teus labios
Mais rubro, que o delirio

. . . . . .

Quando eu cahir inerte e fraco e morto
Em pallido delirio.

(Nota do Autor) — Comparando estas duas stancias, alguem tentou achar-lhes contradicção: eu explical-as-ei a quem quiser sophisticar, eu sei que nem ũa explicação bastar-lhe-a. O delirio, — esquentamento do cerebro, phosphorescencia das faculdades, — querendo-se personificado, que outra cor poderá ter, sinão a do rubor? É rubro o delirio: eu porem chamo-o logo pallido! — mas quando?

Quando eu cahir inerte e fraco e morto.

Entre a inercia, entre a fraqueza, entre um quasi stado de morte, quando for muitas sensações a sensação se perde, — tambem delira-se: mas este delirio já não é o natural, não é aquella affecção normal e ardente, de que alli fallei. — Pois que delirio é esse?

É pallido, — delicioso, — suavissimo, — insensibilizado por muita sensibilidade, fraco por muito forte, — inerte, — stupido... é só o que posso dizer, e porventura tudo o que sei. — Quanto ao mais... O vocabulario de todas as linguas está ainda muito pobre de expressões, que expliquem essas ineffaveis sensações desse prazer necessario, a que os fanaticos e theologos chamaram — carnalidade.

Os fanaticos e os theologos vedam que os diccionarios se completem dessa phraseologia precisa — e da realidade dessa phrasiologia enchem o diario de suas acções».

(Cf. com o original do Poeta, ora nos archivos da Academia Brasileira. Nas «Inspirações do Claustro» ha uma outra «Meditação» de pag. 51 a 62: esta anterior a que agora publicamos. Pela nota que a acompanha, e pelo assumpto no vezo daquelles que vêm no seu livro, parece que o Poeta nelle não a incluiu, por lhe parecer muito profana).

(Continúa).

JUDAS E CHRISTO

Quando Judas se approximou, elle disse, com tranquillidade, aquellas palavras do *Evangelho*, segundo Matheus:

— *Amice, ad quid venisti?*

E sorriram, ambos, fatigadamente.

Depois, Judas puchou uma cadeira. Viu que um parafuso estava solto, levantou a cadeira, apertou o parafuso, num meticuloso cuidado, e assentou-se ao lado de Christo, arranjando a barra da tunica, com preoccupada elegancia.

— Um cigarro?

— Agradecido, não tenho fumado. Como vê, estou com uma constipaçãozinha.

Judas tirou um cigarro barato, que accendeu, fechando num estalido secco a cigarreira gasta de *alpaca*. E poz-se a fumar, melancolico, ao lado do outro.

Então Christo perguntou-lhe si já havia lido Nietzsche. Perguntou por perguntar. Christo conhecia a duvidosa bibliotheca de Judas, onde as traduções de Shakespeare, furadas de traças, e os livros dos dois Dumas punham a mais elevada nota esthetica, entre libretos de operetas, volumes fortemente manuseados de Forjaz Sampaio, o *Trovador Maritimo* e a *Historia Completa de José do Telhado*.

Judas olhou-o com curiosidade. Nietzsche, ora essa... Teve vontade de perguntar-lhe por que... Estabeleceu extranhas afinidades entre a pergunta de Christo e as suas preoccupações, cruzando as pernas, meditativo... Adivinharia Jesus, por acaso, o seu drama moral?... E esquecia-se que, durante uma semana, como as pessôas acabrunhadas, em geral, só falava no seu *caso*. Mesmo a Jesus, já se queixara, por mais de uma vez, das atribulações por que passava sua alma, agitada de remorsos, sacudida como um *cock-tail* entre as mãos do *barman*, desde que *aquillo* lhe acontecera... Respondeu que não, que não havia lido, com um signal lento da cabeça judaica, pensando, talvez, que Nietzsche fôsse muito forte para a situação.

Os olhos scismarentos de Christo fixaram-lhe, longos, o perfil bem cortado como os dessas antigas medalhas romanas da «Collecção Castellani» e de algumas gravuras sagradas do Hypogeu de Thebas. Depois, com doçura infinita na voz rouca da influenza, Jesus citou:

— Si se faz o mal, é preciso cuidar de fazer o bem. Si somos punidos por uma má acção, é preciso soffrer com o sentimento de que, por esse castigo, fazemos um beneficio: impedimos, pelo exemplo, que outros commettam o mesmo erro. Todo malfeitor punido deve considerar-se um bemfeitor da humanidade.

— Bonito, isso, affirmou Judas, com exaltação.

Elle gostara, principalmente, do ar solemne dado ás palavras, incapaz de penetrar a intelligencia da theoria. Christo voltou:

— Muito. Isso é Nietzsche. Nietzsche está um pouco gasto pelos eruditos, mas costuma ser opportuno, ás vezes...

— Pelos eruditos, repetiu Judas, revirando a palavra com gosto, incluindo-se, intimamente, nesse plural pela recordação de sua copiosa familiaridade com Michel Zevaco. Em seguida, sentenciou:

— Nietzsche é muito profundo.

Christo sorriu, como vagamente sorria nas parabolas. O silencio voltou, entre ambos, um instante, depois que, sobre o sor-

riso, Christo fizera duas ou tres phrases a respeito do trivialismo dos philosophos, desde que Schopenhauer se tornou intimo das prostitutas e que Spencer passou a ser interpretado na Camara dos Deputados. Judas soltou uma baforada e teve o seu gesto amplo de enfado, aprendido de Lew Cody. Suspirou:

— Não vale a pena ficar pensando nessas coisas...

— Nos philosophos?

Não era. Judas referia-se, como era natural, aos seus infortunios privados a que Christo misturara os philosophos sem má intenção.

Mas Christo quiz ser amavel, sem perversidade com a ignorancia delle:

— É, certas coisas sem importancia, com aprofundal-as, tornam-se irreparaveis...

Judas pareceu comprehender o verbo consolador. Christo falava com subtileza mas, com certeza, tinha razão.

O interessante é que elle não podia libertar-se da sua angustia. Fazia esforços improficuos. E, como todos os desgraçados, seu consolo era falar, commentando o seu infortunio, com máu gosto e prolixidade:

— O facto é que fiz um negocio pessimo, não acha?

— Qual... Nem tudo póde ser previsto.

— Mas fiz. Devia preferir a minha commodidade e atirei-me á aventura de um successo duvidoso. Foi a fascinação desse dinheiro que me perdeu. Por alguns miseraveis milréis, esquece-se a gente de todos os deveres, commette a mais torpe trahição... É incrivel a fraqueza humana!

Essa *fraqueza humana,* que elle trazia do convivio com um mercador slavo enganado pela mulher e sem a paixão da violencia, era a *chave-de-ouro* das suas lamentações. E Judas atirava-a em *cliché,* com edições continuas, a proposito de tudo, para desculpar um assassinio, como para justificar um simples desarranjo domestico. Achou bom repetil-a, para impressionar bem, e fez, emphatico:

— Oh!... a fraqueza humana!

Christo, amavel como um sophista, avançou:

— Nem tudo estará perdido, talvez... O facto ainda não se consumou...

— Mas não deixo de ter sido canalha. Devia ter feito como os companheiros que têm o merecimento da lealdade. Fiéis, veja você, são o João Baptista, o Pedro, os outros todos, incapazes do crime que commetti...

— Mas você transforma uma banalidade num caso de consciencia...

— Justamente, é isso, um caso de consciencia... Não soube respeitar-me... Esqueci a minha dignidade... Sou um homem sem honra...

E Judas repetiu alto, achando a phrase muito feliz:

— Um homem sem honra!

Novamente, o silencio voltou, por alguns instantes. Depois foi Christo quem falou:

— Meu amigo, procure aproveitar a lição que amarga este momento. Eu não falaria dessas coisas si não fôsse a piedade que me inspira a sua tortura. Sua desgraça commove-me. Não por ella, em si, mas pelo aspecto que o seu temperamento, afeito á tragedia, empresta a um facto trivial...

Christo fez uma pausa para limpar a garganta constipada. Em seguida, levantou-se, deu dois passos para Judas, poz-lhe a mão direita sobre o hombro largo de athleta e perguntou, de repente, olhando-o nos olhos:

— Com franqueza, o que é que lhe dá o arrependimento: a deslealdade ou a imprevidencia?

Aquella pergunta, assim, perturbou Judas. Elle não havia ainda feito a analyse do que Christo chamava *arrependimento.* Soffria aquillo englobadamente, sem discriminação, com estupidez. Abriu muito os olhos e ficou com aquella physionomia pasmada que lhe deram certos pintores italianos do renascimento e com que apparece, tranquillamente, na famosa *Ceia* de Andréa del Sarto, no refeitorio de Santo-Salvi. Então, Christo teve uma immensa piedade delle e falou assim:

— Sei que o fundo principal da sua ma-

gua é ter trahido. Isso é um merecimento.

— Você acha?

— Acho, sim. Você se arrepende de um mau passo. É meritorio. Você se salva, só por isso...

— Quer dizer...

— Quer dizer que deve reparar o mal que fez...

— Mas isso é que não é possivel... Não por mim, Deus sabe como o meu desejo seria desfazer essa horrivel transacção...

— É nobre. Mas, vejamos: porque não póde você voltar atraz, si ainda está tudo nas suas mãos?

— Porque?

— Sim, porque?

— Por causa do contracto!

— Do contracto?

Judas ergueu-se. Tirou outro cigarro e, fechando noutro estalido secco a cigarreira gasta de *alpaca,* continuou:

— Já assignei o contracto, desde hontem, desde que entrei. Foi o meu mal. Devia ter pedido um praso para pensar. Isso da gente sahir de uma companhia para ir para outra é bem mais grave do que se presume. Mas os emprezarios não querem saber disso...

— Conhecem o seu negocio...

— Dessa forma, si eu quizer sahir daqui, tenho que pagar os dois contos da multa...

— E não vale a pena ir para a cadeia...

— Não vale... Apezar de tudo, é menos desagradavel deixar o outro sem poder montar o *Martyr*...

— Emquanto isso, elle vai vendo, tambem, como é um mau systema esse de regatear salarios com os artistas...

— Pois é...

— Agóra o que não convem, de maneira alguma, é você ficar para ahi pensando em tolices...

Judas e Christo deram um olhar ao despertador que estava sobre a mesa. Retocaram as pinturas e subiram ao palco, onde o espectaculo ia começar.

EDMUNDO LYS.

O BANHO

A SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA.

Nusinhos em pêlo, junto á ponte do ribeirão,
meninos brincam dentro da agua faiscante,
ao sol, com brilhos de escamas nos corpos molhados.
Uns, friorentos, tremem encolhidos nas margens.

Da igreja caiada, no alto do morro,
o sino pinga lentamente um dobre funebre,
annunciando um defunto que vai a enterrar.

Desemboccou o enterro na esquina do largo:
á frente o caixão negro, listado de amarello,
pezado, pendente de quatro homens recurvos.
Vêm a passo rythmado os amigos, seguindo,
o chapeu na mão, a cabeça baixa.
As botas rusticas, no completo silencio,
fazem na areia do chão o aspero rumor de vidro moído.

Outro dobre do sino fica resoando na tarde
perdido no ar tranquillo.

Os meninos, com o inexplicavel respeito da morte,
se escondem assustados embaixo da ponte,
esperando quietos o enterro passar.

Vai agora subindo o morro do cemiterio
o humilde caixão negro listado de ouro pobre,
com os homens de preto silenciosos atraz.
Aos poucos desapparecem atraz do matto.

E na agua fugitiva do ribeirão
os corpos nusinhos em pêlo cambalhoteiam de novo,
com o sentimento forte e invencivel da vida.

Pouso Alto — 1926.

RIBEIRO COUTO.

Educação Sentimental

Eu tive uma espada,
um tambor,
uma corneta,
uma espingarda,
um chapéo de Napoleão...

Eu tive sete annos
e era maior do que todos os soldadinhos de chumbo...

Ia á guerra todos os dias.
«Rato na casaca,
Camondongo no chapéo...»
Tenho mais trinta annos,
uma folha em branco,
uma penna na mão.

A tarde mórre, sorrindo.
Fico, sorrindo, a pensar
nos meus brinquedos quebrados,
naquelles pobres brinquedos.

«Marcha, soldado,
Cabeça de papel...»
A tarde morre, sorrindo...

ALVARO MOREYRA.

RESPOSTA A MANOEL BANDEIRA

Sinto qualquer cousa dentro de mim dando-me precisão de responder á sua carta aberta do ultimo n.º desta revista. Mas responderei como desejo? Entro gostosamente no accordo e lhe entrego a minha sympathia, que em verdade sempre esteve com Você. Eu estava inquieto á espera da revista (vê como gostam de evitar as surpresas da gente?) Não imagina a minha commoção. Sua carta me machucou mais do que si Você se tivesse queimado. Fiquei nem sei como... Mas tambem a sua sympathia pelo Austen Amaro estava nas entrelinhas pouquissimo visivel. Sua critica provocou palmas da incomprehensão do nosso meio literario. Isso me damnou. Vem cá e escute: «Há, como esta, muita coisa ruim nesta brochura, estiradas de palavreado sem substancia de pensamento ou sensibilidade, um mau gosto horroroso». Depois disso o elogio mais puxado parece ironia e só teve elogio assim-assim. Você se referiu apenas aos dotes de escriptor e não deixou perceber si estava gostando ou não do canto quarto.

Si li mal foi a critica ao Losango Caqui e não ao Juiz de Fora. Não escrevi Você ter dito que o poeta não prestava. Isso não. Mas de qualquer maneira foi uma inverdade, confesso.

Falei na simplicidade pasmosa com que Guilherme de Almeida resolveu nosso problema ethnico e Você levou ou fingiu levar-me a serio. Ora pode ser definida com a simplicidade do triangulo luso-africo-indio esta mistura inquieta de matizes, onde já está entrando até a óca japonica e mesmo china? Falei em Ronald de Carvalho e foi Mario de Andrade quem me marcou? Provavelmente é pros dois primeiros que lá está no artigo: «Losango Cáqui de Mario de Andrade que aliás muito admiro e estimo».

Não achei que Você me chamasse de admiravel por ironia. Não porque o seja mas porque disse que o sou depois de meu Pae, «que tambem foi admiravel». Assim gostei, pra que negar? Sempre depois e muito depois. Não igual nem melhor como me dizem ás vezes pensando que me agradam e me desagradando por completo. A maior parte dos elogios que tenho recebido são de admiradores de Alphonsus de Guimaraens, que repartem com o filho a admiração que têm ao Pae. Talvez pra elles seja ainda um modo de admiral-o. Quando perpetrei meu primeiro verso já encontrei o caminho aberto. Me elogiaram por causa de meu Pae e nunca isso me amolou não. Nem foi a verdadeira causa de eu ter procurado novos rumos. Claro que não.

Eu não li mal o Juiz de Fora. Tem nostalgias no poema, bem vi. O trecho que Você cita é dum dialogo entre um viandante symbolico, sujeito ainda meio antigo (basta ser viandante), e a musa Dyna, naturalmente esportiva, sadia e bem musculada, de riso franco e nuca raspada. O viandante queixa-se da paulificação das trez nostalgias. Mas a musa anima elle:

«Oh bom viandante,
tu has-de luctar
com a força invisivel do fundo do ser!»

e finalmente:

«e terás na magia da noite bemdita
não mais a mentira das rondas esquivas!
e sim a verdade da força e da vida
enchendo a magia da noite amorosa
da ingenua alegria, da força sadia
que lucta e constroe!»

Qual intenção? Nada de nostalgias, etc., penso eu. Mas a resposta que eu queria não era sobre isso mas sobre uma coisa que está roendo dentro de mim. Não saberei explicar-me. Mais cedo do que esperava me arrependi de ter escripto aquelle medonho artigo. Eu disse que Você me machucou mas foram machucões bemfazejos. Machucões bemditos. Infelizmente é assim que a gente aprende a viver e a gostar daquelles que merecem ser amados alem de admirados.

Disponha do meu coração.

Bello Horizonte — 8—11—926

João Alphonsus.

THEATRO E MUSICA

DA ESTUPIDEZ DOS ORÁCULOS

A preocupação de querer saber e adivinhar para onde irá isto ou aquilo é justa. Boba também. Justa porque a ninguêm póde ser indiferente o destino das cousas deste mundo. Natural. A gente lida com elas. Tem o direito de saber portanto qual o rumo que tomam. Mas é boba também não há dúvida nenhuma. E inútil. Principalmente se tudo corre ás mil maravilhas. A árvore cresce? Pois então está certo. Para que profetizar que não passará de tantos metros?

E depois isso de fazer prognósticos é cousa difícil e quási sempre dá errado. Criança a quem toda gente prevê um futuro explêndido acaba fatalmente entrando para o funcionalismo público. Não escapa uma.

Assim é com tudo nesta vida gostosa. Pessoa ou cousa. E dai se conclue que orientar vocações ou o que quer que seja é a tarefa mais ingrata e inútil que pode haver. Quem é bom já nasce feito. Não precisa de professor. O melhor é entregar homens e cousas ao seu próprio destino. Ás suas próprias forças se preferirem. Contrariar ou mesmo encaminhar o impulso natural delas quási nunca dá certo. Tudo isto é muito velho. Mas como tudo quanto é muito velho a começar pela origem do mundo é também muitíssimo pouco sabido.

Por isso mesmo eu gostei que me regalei do que disse Jules Romains ás meninas da Université des Annales de Paris: Não caiamos na tolice de aconselhar o teatro a não tomar êste ou áquêle rumo. Ele seria muito capaz de caminhar direitinho para êles.

Muito bem. É isso sem tirar nem pôr. Anime-se o teatro o mais que se possa. E basta. Nada de se meter a dirigi-lo para cá ou para lá. Nem começar a atordoar os ouvidos do coitado com conselhos. Ele se defenderá sózinho. Não deixar que êle retroceda. Isso sim. Cortar-lhe todos os caminhos de retirada. Para que êle caminhe para a frente sempre. Sem nem olhar para traz. Senão está perdido.

Mas préviamente querer apontar ao teatro os possíveis obstáculos que encontrará e ensinar como deve vence-los é bobagem. Mesmo porque êsses obstaculos ninguêm sabe com certeza de que ordem serão. Depois nunca se poderá aponta-los todos. E o resultado é que êle avisado de uns tão sómente encontrando outros diferentes empaca na certa. Ou não os percebe. Como a criança a quem antes de sair de casa a mãe recomenda muito cuidado nas esquinas. A pobrezinha vai e só toma cuidado nas esquinas. Se tem de passar de uma calçada para outra na mesma rua nem liga para os automóveis. E acaba debaixo de um dêsses malvados. No dia seguinte os jornais noticiam a desgraça com o título: O perigo dos automóveis. Erradamente. Assim é que ficaria certo: O perigo das recomendações.

* * *

Quem está na luta não tem tempo nem serenidade para avaliar os resultados dela. Isso mais ou menos também disse Jules Romains na mesma conferência. E é tão evidente que não carece de explicação.

Ainda mais. Quando a luta é assim tumultuária como a em que está empenhado o teatro de hojé, onde cada qual se bate com armas e tática próprias diferentes das dos demais e em situações diversas e até contra inimigos vários, é impossível mesmo aos que a ela assistem de palanque ajuizar já não digo de suas probabilidades de triunfo mas do bem ou do mal que daquêle resultará. Como também não se pode no mais aceso da campanha tirar conclusões definitivas sobre o valor ou não dos meios de combate empregados. O tempo fará isso. Então sim: deante do já conseguido será fácil e util tirar o ensinamento para o que houver a fazer ainda. Com o passado a gente não aprende a acertar. É verdade. Mas se aprende a não incidir nos mesmos erros dêle. O que é muito já. Fica-se ciente do que se não deve fazer. Prognosticar porêm em campo inédito, profetizar em materia desconhecida, tirar conclusões do ignorado é absurdo e nocivo. O teatro contemporaneo atirou-se para um terreno nunca batido antes dêle. Encontrou sertão a dentro. Buscando o quê? Ninguêm sabe ao certo. Naturalmente riqueza nova. Mas em que ela consistirá ninguêm pode dizer. O essencial é que busque. Desesperadamente.

O período é de tentativas inéditas. Aos problemas velhos e de todos os tempos juntam-se outros nacidos do instante. Os meios de resolução também são virgens. Nunca ensaiados. Surgem com aquêles. O mal é que cria o antidoto que o torna inofensivo. Lógico. Onde é que já

se viu o remédio anteceder á molestia? A lei ao fenomeno?

Por isso mesmo, porque se trata de terreno absolutamente inédito é que é tolo desde já querer medi-lo em todas as suas dimensões, avaliar todas as riquezas que contem, todos os males que o infestam.

É no entanto o que está fazendo muita gente hoje em dia. Sobretudo na Europa. Os inquéritos sobre o provável futuro do teatro moderno sucedem-se sem descanço. *Ou va le théâtre?* é título de um dêles que a seu tempo será aqui analizado.

Para onde caminha o teatro? Não lhes basta saber que êle caminha. Querem préviamente conhecer a sua trajetória com a certeza astronômica de que dentro de tantos anos alcançará fatalmente tal lugar.

Como se isso fosse possível. Como se isso adeantasse alguma cousa.

* * *

A análise do teatro de hoje só nos dá uma certeza: a certeza de sua renovação. Renovação victoriosa porque já produz os seus frutos. E benéfica porque (para não dizer mais) toda a renovação o é.

Os meios por que ella está se produzindo são múltiplos. Chegam a desorientar. O que acontece com todas as manifestações de arte nêste momento. Em toda a parte trabalha a mesma ância renovadora. Porêm os movimentos que ela propulsiona são independentes entre si. Na Itália ela não se manifesta como na Rússia. Realiza-se de modo diverso. Poderá portanto alcançar dentro do mesmo objectivo ideal um propósito diferente. Como numa prova de tiro em que os concurrentes não fossem obrigados a atingir o centro do alvo ou determinado ponto dêle. Ai está.

Se existe uma tendência universal perfeitamente reconhecível no esforço de Dullin como no de um Reinhardt ao lado dela existem outras próprias a cada paiz e mesmo a cada agrupamento teatral. Paralelas que como tais só vão convergir num ponto ideal.

Cada povo cria o teatro que lhe convem. Liga-o ao solo. Fa-lo produto não só do momento como também do ambiente. Jules Romains é essencialmente francês. Já o proclamaram molieresco. O que equivale dizer genuinamente gaulês. Por outro lado Sollogub é russo, inconfundivelmente russo. O dramaturgo põe nas suas obras o espírito da terra e da gente. Fundindo-o com o do instante sem dúvida. Mas sem deturpa-lo. De fórma que Bragaglia (Bragaglia é director) pode resolver o problema do teatro italiano. Mas nunca chegará a resolver o do universal. Da soma dos resultados parciais é que sairá o teatro do futuro.

Tarefa que exgotará gerações sôbre gerações. Porque o que se está fazendo hoje em dia não passa de uma seleção de materiais. O Shakespeare que os aproveitará virá a seu tempo. Não tenham duvida.

De que maneira serão aproveitados esses materiais selecionados não nos importa saber. Quaesquer conjecturas serão inúteis e atravancadoras. Ainda por cima muito capazes de dar azar. Porque cousa boa ninguêm gosta de prevêr aos outros. Os adivinhos geralmente se especializam na previsão das desgraças alheias. E daí vem o pavor ingênuo de que o teatro seja dentro de pouco tempo absorvido pelo cinema, tragado pela literatura, engulido pelo espectáculo. Pavor sem fundamento algum. Já disse e repito.

O teatro contemporaneo justamente pelo facto de o ser (tendo rompido com as tradições que o sufocavam) está hoje que nem menino inexperiente. Inexperiente dentro da renovação está visto.

Mas é esperto o diabinho. Promete como o diabo. Muita cautela portanto. Nada de querer orienta-lo. O guri que escolha livremente a carreira que entender. Por enquanto é deixa-lo crescer á vontade. Admirando sua vitalidade estupenda. Mais nada. O contrario é estragar para sempre o menino. Cousa que não se deve fazer. Pelo amor de Deus. E dêle principalmente.

S. Paulo, Outubro de 1926.

ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO.

♠ ♠ ♠

CHRONICA DA QUINZENA

Três concertos de piano assinalaram, entre outras manifestações artisticas, a primeira quinzena de novembro. As pianistas eram a jovem Maria Antonia, a grande Antonieta e mme. Dyla Tavares Josetti. Disse: a grande Antonieta. Em verdade grandes são todas três. Maria Antonia, ainda mal saida da meninice, revela um certo parentesco de sensibilidade com Antonieta. Antonieta é um prodigio de equilibrio, de clareza, de saude — e de pudor. Não que falte á sua arte o elemento sensual: nem o pudor implica ausencia de sensualidade. Mas esta só se manifesta como naquele conto d'*Os Braços de d. Severina,* de Machado de Assis: com uma reserva, uma ironia, que verdadeiramente a sublimam. Antonieta é uma inteligencia classica. Pois Maria Antonia tambem. Que se pode ser aos dezesete anos, meu Deus? Idade incolor nos mediocres, desconforme nos grandes.

Os casos de harmonia precoce, como o de Maria Antonia, são raros. Como ela tocou bem a sonata de Mozart! Bastava esse numero para consagrá-la como uma das nossas maiores artistas.

De Antonieta não há mais louvores que fazer. É uma grande pianista, uma grande artista, um grande poeta chegado ao cimo de sua maturidade. Se alguma coisa há a esperar-se dela é pôr a sua arte excepcional ao serviço de nossa atrasada cultura, executando em seus recitais, não o que os outros já tocaram e retocaram, mas tanta coisa bonita (e dificil, xi!) que se ouve agora na Europa e que daqui a trinta anos os nossos concertistas começarão á incluir discretamente na ultima parte dos seus programas...

Os nossos amadores de musica já principiam a chamar a senhora Tavares Josetti — pelo seu nome de batismo.

Dyla, sem mais nada. Essa falta de respeito é o sinal brasileiro da consagração afectuosa. Os artistas que amamos, perdem logo o nome de familia. A familia deles somos todos nós. Antonieta, Guiomar, Maria Antonia. Agora Dyla. Dyla Josetti é um temperamento brilhante, claro, seco. Esplendida nas *Variações em dó menor* de Beethoven, no *Preludio em sol menor* de Rachmaninof, em Liszt. Mas as sombras felizes do bailado de Gluck resentiram-se do temperamento saudavel da artista evocadora: tinham vida de mais.

Missangas. Frivolidades em dois actos de Max Mix. Musica de Hekel Tavares.

Scenarios e costumes de Luis de Barros. Bailados de Nemanof. É o ultimo espectaculo da Companhia do Cassino do Passeio.

Numeros muito paus: *O Divorcio; Calha ou não Calha; Danações; Moralistas*.

Uma deliciosa satira que vale toda a peça: *As Filhas do Papai:* o sr. Augusto Anibal, com o cavaignac do presidente eleito, sceptro e uma baita coroa de rei; o sr. Manoelino Teixeira, pedindo-lhe uma das filhas, — uma pasta, na toada do *Rema, rema, rema, ré*. Efeito engraçadissimo. Foi o numero de maior sucesso, o que mostra que o nosso publico não é tão cavalo assim, e sabe apreciar uma critica fina e bem educada.

Dois bailados que honram Nemanof e seu corpo de bailes, Hekel Tavares e Luis de Barros: *A Vestal* e *Kara-kiri*.

Duas boas cortinas: o *Miau-miau*, com um gato gozadissimo, e *Ajuê-ajuá*. Neste numero Elza Gomes e Lucia Mariano estiveram impagaveis. A graça estouvada dessas duas actrizinhas é um lindo espectaculo de mocidade. Onde a primeira foi descobrir aquela vozinha acida que nem pitanga verde? Ela mesma faz careta.

Aracy... é preciso vê-la cantar a *Menina de Cinema*. Pra não falar dos outros papeis.

No numero do *Salteador* o publico assobiou de coió: que gente impossivel! — M. B.

LITERATURA

A QUESTÃO MODERNISTA

Os ultimos quinze dias tiveram duas notas sensacionaes para os que se preoccupam com as questões da esthetica nova. O sr. Ronald de Carvalho deu uma entrevista. O sr. Guilherme de Almeida fez uma conferencia. Para os que tinham ainda alguma duvida sobre a situação que occupam os dois no actual momento literario essa conferencia e essa entrevista vieram servir de elemento esclarecedor. Para os que tudo ignoravam foram duas revelações.

Existem hoje, na moderna literatura brasileira, dois grupos nitidamente separados: um que procura ansiosamente saber e outro que ensina com autoridade aquillo que sabe. Mas o diabo é que aquillo que o primeiro quer saber não tem nenhuma relação com o que o segundo quer ensinar. E ficam todos discutindo indefinidamente...

Como figuras mais eminentes do segundo grupo temos o sr. Graça Aranha, que prega a alegria; o sr. Ronald de Carvalho que prega o enthusiasmo, e o sr. Guilherme de Almeida, que prega a força saudavel. Tratemos dos dois ultimos.

Com o sr. Ronald de Carvalho existe um malentendido inicial de que ninguem é culpado.

Em primeiro lugar o sr. Ronald de Carvalho é um cerebral e, como tal, responde com sua lucida intelligencia a todas as nossas confusas perguntas de sentimento e de emoção. Precisavamos de alguem que explicasse a pressão emocional interior que tem creado o dadaismo, o super-realismo e outros tantos derivativos, mas o sr. Ronald de Carvalho distrae-se e fala-nos intelligentemente do aproveitamento social da poesia do enthusiasmo. E note-se que o poeta que escreve hoje a poesia do enthusiasmo é o mesmo que escreveu ha alguns annos:

«..... deixa que a vida passe,
a vida é uma canção transitoria e fugace
um ligeiro tremor numa bolha de espuma» (1)

Em segundo lugar o sr. Ronald de Carvalho é um erudito. E assim lança mão de sua grande cultura e cita varios nomes (creio que ha mais de vinte na sua entrevista), para abordar problemas que dependem de pura intuição. Depois de tudo isso o sr. Ronald de Carvalho esmaga superiormente, com numerosos argumentos, varias opiniões que nunca ninguem teve. Elle explica, por exemplo, que o motivo negro nunca deverá ser central na literatura brasileira. Ninguem nunca disse o contrario, pois todos concordam que o «negrismo» é simplesmente decorativo e só tem apparencia principal em poemas de pura ficção, como «Raça», do sr. Guilherme de Almeida.

Sobre este ultimo ha, desde muito tempo, uma opinião unanime. E, contrariamente ao geral das opiniões unanimes, exacta. O sr. Guilherme de Almeida é, effectivamente, o mais extraordinario auctor de versos que o Brasil tem tido. Como auctor de poesia é que o caso muda de figura. Um dos mais nossos interessantes escriptores modernos disse uma vez que o creador do «Meu» é importantissimo no ponto de vista literario, mas não tem nenhuma importancia no ponto de vista poetico».

Com sua prodigiosa faculdade de assimilar e crear formas em todas as suas manifestações, o sr. Guilherme de Almeida só apprehendeu, do espirito moderno, a forma ou as formas. Em summa, o aspecto exterior. É um homem que ainda acredita nos arranhaceus e no jazz-band como phenomenos demonstradores do espirito moderno. É um homem que ainda faz, em arte, apologia da solidez physica. Não quero dizer que isso seja errado, mas é inutil. Todo mundo já sabe que o maillot de banho faz bem. E não nos adeanta nada repeti-lo. E note-se que o sr. Guilherme de Almeida, que hoje exalta os hercules, foi quem escreveu «Soror Dolorosa». É ainda a sua melhor obra, mas nesses poemas:

«em cada nervo, em cada musculo
elle tem sombras de sol posto...»

como o proprio poeta conta.

O sr. Guilherme de Almeida é, no fundo, um puro creador de belleza. Dahi a distancia que o separa de nós. Com effeito, ha algum tempo, o homem descrente da gloria, do amor, da ventura, da fortuna, encerrava-se bysantinamente na realisação daquillo que os chamados espiritos superiores diziam ser uma «obra de belleza». E a belleza era a suprema valvula de segurança.

Hoje, porém, a belleza já não satisfaz por ella mesma. Está mesmo mudado o conceito que se dá actualmente á noção de belleza em poesia. O bello não é mais o que tem graça, harmonia, bom gosto, bons rythmos, bôas formas. O que chamamos bello é aquillo que encontramos em poemas como «Nocturno de Bello Horizonte» de Mario de Andrade ou «Cacto» de Manoel Bandeira. A belleza não é mais o que se admira: é o que se sente. A belleza hoje está perto de nós. É a comprehensão alegre ou triste da vida.

O sr. Guilherme de Almeida é creador da outra belleza. «Raça» é um lindo poema que não tinha nenhuma necessidade de ser escripto. Pode-se dizer, do mesmo modo, que a sua conferencia é muito bonita. (Só não é bonito nella o inesperado modo de revidar discordancias puramente literarias com ataques do mais estreito personalismo). Sua conferencia é bonita. Mas, porque só bonita, tediosa. Porque só bonita, inutil. Não nos adeantou nada, a nós que esperavamos talvez delle uma sahida para o impasse em que nos achamos. Porque o caso é muito serio. Não sabemos o que queremos.

Mas sabemos *que não queremos* o que se faz actualmente. Nada de intellectualismo. Nada de erudição. Nada de formalismo. Nada de belleza. Quem nos indicará o caminho?

Actualmente Manoel Bandeira e Ribeiro Couto contam-nos as proprias vidas. Mario de Andrade conta historias admiraveis... mas historias. Ronald de Carvalho discorre sobre as civilisações pre-colombianas. Guilherme de Almeida escreve coisas bonitas.

Essas considerações levaram Prudente de Moraes, neto, a dizer-me outro dia, com um brilho de sinceridade nos olhos azues: «Para o nosso caso só ha uma solução, a de Rimbaud».

Porém mesmo sobre esta idéa ainda temos duvidas. Será uma solução?

AFFONSO ARINOS (Sobrinho).

(1) Citação de memoria dos «Poemas e Sonetos».

Everardo Backeuser — *A Estructura Politica do Brasil* (Notas Previas) — Mendonça, Machado & C. — Rio, 1926.

Há três coisas que incompatibilizam a gente com uma pessoa. Uma é o esperanto. As outras

duas são o positivismo e o xarope de grozelha. Eu implicava com o dr. Everardo Backeuser por causa do esperanto.

Um dia me encontro na Avenida com o Venancio Filho.

— Você é euclideano?

— De coração.

— Então vamos á sessão comemorativa da morte do Euclides.

Fazia muito calor. Segundo andar do casarão do Largo do Paço. Meia duzia de pessoas, e entre elas os grandes olhos inteligentes de mlle. Heloisa Alberto Torres.

O dr. Backeuser começou a falar. Tom maçante de discurso. Estilo de engenheiro que tambem quer tirar a sua casquinha na arte de escrever. (O que perde os engenheiros... e os escritores é imaginar que a literatura é a arte de burilar frases e figuras de retorica. Quando o dr. Backeuser se esquece de fazer bonito, escreve bem, e até com vigor de boa eloquencia scientifica); Pois me interessei pela Conferencia. Através de uma analise paciente, tão brilhante quanto solida, da obra de Euclides da Cunha, o conferencista chegou á conclusão de que o autor dos *Sertões* era antes de tudo e acima de tudo — um geographo. A coisa dita assim parece besteira, porque a gente toma a palavra no sentido mediocre de escriturario descritivista. Ora a moderna geographia dos Ratrel, dos Vidal de la Blache, dos Penks, dos Huntington não é sopa, não. Os horizontes dela são imensos, e para versá-la com sucesso se torna necessario um mundo de conhecimentos gerais a serviço de uma mentalidade rija e curiosa. Não tem duvida: Euclides era um grande geografo. Quem o revelou foi o dr. Backeuser, e desde esse dia eu fiquei admirando o dr. Backeuser, — apesar do esperanto.

Obra de geografo é tambem esta das *Notas Previas,* em verdade suspiração funda para um esforço monumental, de que nos parece inteiramente capaz e digno a intelligencia e cultura do autor. O dr. Everardo Backeuser acaba de tomar neste livro preparatorio um compromisso de honra, a que não poderá faltar. Convem para isso que êle saiba e queira sacrificar a grandeza da idealização á possibilidade de realisação. Pondere como no livro de hoje certos capitulos de simples escorço, como *A Nova Concepção da Geografia, A Politica e a Geo-politica, segundo Kyellen, O Conceito de Supernação, Clima e Civilisação: Theoria do Grau de Cultura,* instruem, esclarecem, orientam, O ultimo capitulo citado é realmente a gala deste volume. Nele o dr. Backeuser apresenta a sua teoria do «grau de cultura», que vem completar aquela outra de Ratzel, a da «posição geographica». Grau de cultura da epoca, posição geografica, são as duas coordenadas a assinalarem os grandes centros successivos de civilização. O sr. Backeuser compendia em tres leis a sua teoria do «grau de cultura»:

1.ª A velocidade de dilatação do ecumeno dominado por um dado centro geografico é função do grau de cultura da epoca;

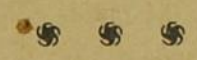
2.ª O «optimum» de valor de uma «posição geografica» varia com o grau de cultura da humanidade;

3.ª A trajectoria geográfica da civilisação indica, por extrapolação, que ela voltará ao Equador.

O passado confirma as duas primeiras. Só o futuro dirá se não foi aventurosa a avançada do ilustre geografo.

Eta, torcida brasileira.

MANUEL BANDEIRA.



Mucio Leão — *Thesouro Recondito* — Cia. de Livros e Papeis — Rio — 1926.

Eu me lembro do susto triste que levei aí no Rio em 1922 quando José Vicente Sobrinho me disse a idade de Mucio Leão. Pelo tom de seus artigos no *Correio da Manhã* (de dois ou tres que eu lera ao menos) julgava-o maior de cincoenta anos. É verdade. Para velho suas crónicas não eram lá muito más. Serviam. Mas como obra de moço! Fiquei desiludido de uma vez.

Este *Thesouro recondito* então me deixou desconsolado que só vendo. Poesia conselheiral. Versos sentenciosos. Reflexões de sacristia. Aforismos de boletim de santuário. O título do volume é erradíssimo: *Manual do primeiro comungante* é que seria certo. Olhem isto por exemplo *(Caminho da perfeição):*

Entrae a porta menos nobre.
Bebei do mais humilde vinho
Que der a mais humilde mão.
— Lembrae-vos, sempre, que o caminho
Que for mais arido e mais pobre
É que conduz á perfeição.

Ou isto *(Riqueza interior):*

Loucos! Quereis possuir glorias, brazões, metaes!
Tendo uma alma feliz, não tereis muito mais?

Que vá mais isto de chôro *(O instante que passa)*:

Cada instante que passa é um minuto da vida
Que, sem sentir, estás, como um louco, a perder!
É mais um passo que tu dás, de alma atrevida,
Para o final anoitecer...

Profundo não? O livro é todo assim. Desenxabido, cacete, solene, morno e velho como ele só. Livro de seminarista. Muitos conselhos. Muitos. Muitas advertências. Muitas. Muita bobagem. Muita. Poesia mesmo não se enxerga. Ou o que é peor: não se sente. Depois uma miséria nas imagens que dá pena até. Não é só: moleza de expressão, trivialidade de pensamento, monotonia de inspiração tambêm. Tudo chato. Tudo fraco. Tudo gasto. Tudo sabido.

Tudo lirial principalmente. Título de uma poesia: ....*Ou como os lyrios do campo* (está subentendido viver). Já se viu tolice igual? Outros exemplos: *Estrellas lyriaes* (p. 33), *lyrios dos campos viridentes* (p. 13), *Almas, dos lyrios vós sois irmãs* (p. 49), *na lyrial doçura, na lyrial ternura* (p. 55), *astros lyriaes* (p. 62), *sorristes, lyriaes, em vossa aurora* (p. 64), *olympos lyriaes* (p. 69). É lírio demais. Parece até altar de Nossa Senhora em mez de maio.

Além disso o livro está cheio de cousas dêste quilate: *varzeas floreas* (p. 13), *macio frouxel dos ninhos* (p. 19), *manto de ouro do bem* (p. 34). *Doce Esperança, luz de nossa alma!* (p. 41), *eterna ebriez do amor* (p. 47), *placidas estrellas, noivas merencoreas* (p. 54), *virginal palor* (p. 56), *divino alvor dos sóes* (p. 60), *do candor das alvoradas, da pompa dos arrebóes* (p. 67), *eldorado da illusão* (p. 68), *jardins de luz do firmamento* (p. 73). Página 73. E o livro tem 102. Por aí calculem. *Lira dos salões*. Tal qual.

O tesouro de Mucio Leão é todo êle de preceitos e sentenças de catecismo. Como eu gosto muito de exemplos ai vai uma porção dêles: *Se alguem te ferir, esquece (Doçura de ser bom), Se buscas ser perfeito, esquece o mundo (Modestia), Procura ser verdadeiro (Ser bom), Nossa breve existencia é um combate sem gloria (A vida), Amigo, a morte, como o nascimento, é sómente um mysterio natural (A morte), Se quizeres ser bom, olha para o teu intimo (O deus intimo), Passemos cada dia desta vida como se fosse o ultimo a viver (O ultimo dia), Trabalha para o bem (Alegria no trabalho), Bane do teu espirito a vaidade (Como a oliva), Onde quer que tu vás, poderás ser feliz: basta que tenhas a alma ao bem sujeita (A ultima luz).*

Como se vê, puro Lacordaire de folhinha de empório. Segunda edição Quaresma do marquez de Maricá. Filósofo, pregador e moralista de almanaque para propaganda de xaropes. Tudo quanto quizerem. Menos poeta. Não há dois versos que fricionados produzam uma chispa de poesia. Pequenina que seja.

E é moço. Dêstes tempos. Parece incrível. Não. Não parece. *La jeunesse c'est une conquête.* Mas quem poude escrever *Thesouro recondito* nunca saberá ler Jules Supervielle.

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO.

Cassiano Ricardo — *Vamos caçar papagaios* — Editorial Helios Ltd. — S. Paulo, 1926.

Cassiano Ricardo. O mesmo da campanha da *Folha da Noite* em 1922. O parnasiano violento que xingou tanto o modernismo por falta de compreensão. Porem um dia deu estalo nêle e Cassiano Ricardo aderiu. Depois disso, tenho o direito de gozar a cara de cachorro que quebrou panéla que ele deve fazer se lembrando dos proprios artigos, agora que ja passou pela indispensavel revisão de valores e que Oswald, Mario e outros injuriados tiveram o seu elogio.

Cassiano Ricardo, como todo o grupo verde-amarelo, gira em torno da questão da arte brasileira. Como se sabe, o manifesto verde-amarelo apareceu em contraposição ao pau-brasil, no qual Oswald de Andrade, o homem das invenções geniaes, descobriu a necessidade nacional de uma arte nossa. A descoberta de Oswald provocando aplausos e repulsas de toda ordem, era tão necessaria e urgente que reflectiu sobre aqueles mesmo que a repelliam. O modernismo só já éra uma còisa vaga demais para ocupar todas actividades. E cada um tratou de resolver á sua moda o problema.

Desse estado de coisas nasceu mais um grande equivoco: foi e é pensamento geral que é preciso *fazer, criar, inventar* a arte brasileira. Só o Sr. Sergio Buarque de Hollanda, a meu ver, se colocou no ponto de vista justo dizendo que ela «não nascerá de nossa vontade, surgirá muito mais provavelmente da nossa indiferença».

Não concorda com isso o Sr. Cassiano Ricardo.

Como Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida êle procura realizar um plano que é o resultado das suas opiniões. No seu ultimo livro o poeta se deu ao trabalho de pôr em verso a historia do Brasil, aproveitando muito ideias, processos, imagens de Oswald de Andrade, imagens e ritmos de Guilherme de Almeida. Não resta a menor duvida que sem lêr o «Pau-Brasil» o Sr.

Cassiano nunca escreveria o «Vamos caçar papagaios»; do Sr. Plinio Salgado já não se pode dizer o mesmo: sem Oswald êle só não faria o «O Extrangeiro» *como fez*.

Porem o vicio essencial do Sr. Cassiano Ricardo é acreditar que faz poesia, bôa poesia dos tempos que correm, conservando o seu parnasianissimo gosto das imagens esmagadoras, substituindo o seu antigo jardim de hesperides pelo «verde das nossas matas» e a teoria de deuses que celebrava em seus versos sonoros por um cortejo de brasileiros historicos, mas continuando ausente dos seus poemas que por isso mesmo continuam despidos de toda significação a não ser aquela de festa de fim de âno em escola publica que Oswald de Andrade lhe atribue. A ausencia do autor faz com que o «Vamos caçar papagaios» não passe de uma serie de quadros onde a gente só póde se interessar pela habilidade do artista na reconstrucção historica arbitraria. Arbitraria sim. O poema «Palmares» por exemplo acaba com estes versos:

(Nisto passou gritando no ar em bandos verde-
[gaios,
uma porção de papagaios...)
Quem foi que lhe contou seu Cassiano?

Entretanto ha dois bons poemas no livro de Cassiano Ricardo. Dois... não digo bem. Haveria si êle quizesse suprimir a segunda metade bem ruinzinha de um dêles e despir o pijama dos gafanhotos do outro, coitadinhos. Esses dois poemas são «A filha do imigrante» e «A Chicara de Café». O ultimo começa:

«A chicara é branca e pequena como uma casca
[de ovo
O garçon traz o bule e derrama o café forte e
[novo
como si derramasse por encanto
uma pequena noite liquida e cheirosa na
casca de ovo.

A minha chicara de café
é o resumo de todas as coisas que vi na fazenda
[e me vêm á memoria apagada,

Na minha memoria anda um carro de bois a bater
[as porteiras da estrada...
Na minha memoria poisou um pinhé a gritar
[crapinhé!

E passam uns homens
que lévam ás costas
jacás multicôres
com grãos de café

E piscam lá dentro no fundo do meu coração
uns olhos negros de cabocla a olhar para mim
com o seu vestido de alecrim e pés no chão.

Uma carinha côr de luar na tarde rôxo-rosa...

Um cuitélinho verde a sussurrar enfiando o bico
[na catleya cor de sol que floriu no portão.
E o coronel no alpendre a calcular a safra do es-
[pigão.

E as pamonhas inconhas de milho amarelo?
E os viras e canarios a saltar sobre o farélo?

Mas acima de tudo
aquêles olhos de veludo da cabocla maliciosa
[a olhar pra mim

. . . . . .

Corto o poema aqui. E o Sr. Cassiano Ricardo pode estar certo que só teria a lucrar si fizesse como eu.

PRUDENTE DE MORAES, neto.

* * *

Edmundo Lys — *«Sheherasade, campeã de tennis, e outras pessôas distinctas»* — Empreza Graphica Editora — Rio, 1925.

Ainda bem que o Sr. Edmundo Lys não escreve mais nada que se pareça com a sua «Sheherasade, campeã de tennis». Hoje, elle tem poemas excellentes prestes a apparecer num volume e materia de prosa, que interessa muito á toda gente bôa que o conhece.

Esse livro publicado, porém, é ruimsinho. Vem do tempo em que elle queria passar por sabido em elegampcias modernas: fala em carros «Owen-Magnetic», em «Cloches claros de Knox», «Camels ovaladas», «costumes de P. Clement Brown», «realisações sobrias de Wm. A. French & Co.»

e em outras cousas difficilimas. Tudo isso em tres paginas apenas. Dahi em deante, conta umas historias que a gente não chega a entender para que são contadas; toma um ar superior para o Sr. Julio Dantas; admira Eça de Queiroz, Oscar Wilde, o portuguez Antonio Ferro e outros. E não se esquece de arranjar uma Salomé — «A ultima Salomé» —, com pretenções modernisantes.

O livro todo é muito ruimsinho. Faz-se um esforço para desencavar ahi qualquer indicio do escriptor interessante que devia sair do Sr. Edmundo Lys. Mas cança-se de procurar.

Talvez que da maneira prompta com que entra em materia ou da ordem directa e viva de seu discurso, no volume de «Sheherasade», se possa induzir, com algum optimismo, o excellente poeta e contador que elle veio a ser depois. No emtanto, essa inducção requer bastante bôa vontade. E o Sr. Edmundo Lys já não precisa reclamar isso de nós.

Agóra que produz cousa bôa, precisa apenas de seguir o conselho que lhe deu Manuel Bandeira: adoptar em literatura o seu nome legal, em vez daquelle pseudonymo que conserva ainda, com cheiro de «Sheherasade».

RODRIGO M. F. DE ANDRADE.

Antenor Nascentes — *O idioma Nacional* — Rio, 1926.

O sr. Antenor Nascentes é um nome feito no magisterio, desde a sua tese de concurso á cadeira de espanhol do Colegio Pedro II. Versava ela sobre um ensaio de fonetica diferencial luso-castelhana e os elementos gregos encontrados no espanhol. Foi isso em 1919. Depois, entre outros trabalhos menores, deu-nos ele uma importante contribuição á dialectologia no seu livrinho acerca d'*O Linguajar Carioca em 1922*. Agora, tendo passado a reger a cadeira de português do mesmo colegio, iniciou um novo escrito, que abrangerá cinco volumes, e constituirá, a julgar por este primeiro, um utilissimo e seguro depositario de factos concretos da nossa linguagem. As pequenas dificuldades de flexões nominais e verbais, em que são tão onimos o comum dos compendios, estão aqui quasi exaustivamente destrinçadas. O sr. Antenor Nascentes declara em prefacio querer respeitar as legitimas tendencias da lingua portuguesa no Brasil, por entender «que todas as modalidades foneticas, semanticas e sintacticas, correntes no Brasil *e correctas*, devem ser preferidas pois representam o genuino modo de falar do nosso povo». Nos alegramos de ver tais palavras em boca de tal prestigio linguistico.

MANUEL BANDEIRA.

Desembargador Benedicto de Barros e Vasconcellos — *O Parnahiba no Maranhão* — São Luiz, 1926.

Ao contrario do que fez pensar o seu titulo de desembargador e a condição que aléga de advogado dos interesses maranhenses, o autor não se ocupa de um problema *juridico*. Aliás, o aspecto propriamente juridico nunca foi o principal nessa questão de limites. Maranhão e Piauí sempre reconheceram por linha divisoria o *thalweg* do Parnaíba. Isso mesmo se assentou no convenio celebrado entre esses dois Estados na Conferencia de limites interestaduais de 1920: «O rio Parnaiba constitúe em todo o seu curso, desde as nascentes até a foz, a linha divisoria que separa os dois Estados». O que estava em discussão era o proprio curso do rio, isto é, o ramo principal dêle nas cabeceiras e no delta. Tudo se reduzia portanto a uma questão puramente tecnica de levantamento topográfico. Tanto assim que o citado convênio entregou a solução do caso a uma comissão do Estado Maior do Esército, cujo parecer os Estados litigantes se comprometeram a aceitar «*ad referendum* dos respectivos Congressos, na forma do art. 4.º da Constituição Federal».

Pretendia o Piauí que os braços principais do Parnaíba fossem a Parnaibinha e o Riozinho, na nascente. E na foz, a baía de Tutoia. O Maranhão defendia a linha de separação pelo Corriola, na nascente, e na foz pelo braço que desemboca na barra das Canarias. A comissão tecnica deu ganho de causa ao Maranhão, mostrando de maneira que parece irrecusavel que a baía de Tutoia não pertence á bacia fluvial em questão e que o prolongamento natural do Parnaíba é com efeito o que vai dar na barra das Canarias. Quanto á cabeceira, por motivos tambem de incontestavel procedência, foi considerada principal a do rio Agua Quente, decisão essa muito mais prossima da linha maranhense que da defendida pelo Piauí.

O autor reproduz em apêndice o parecer da comissão, que por signal é mais seguro e conciso

que o proprio trabalho dêle. A gente fica até sem saber o que é que adiantou escrever e publicar os artigos que formam o volume depois de resolvido o caso naquêle parecer. E embora «não se tratando de obra *puramente literaria*», como diz o desembargador Vasconcellos, bem que se sente falta de clareza e de unidade na esposição. Isso obriga o leitor a uma colaboração continua, tal como acontecia com os senhores simbolistas. Mal comparando, já se vê.

PRUDENTE DE MORAES, NETO.

Carlos Rubens — «*J. Baptista da Costa (Notas sobre o Homem e a Obra)*» — Typ. do *Jornal do Commercio* — Rio de Janeiro, 1926.

Um folhêto muito bom. Á primeira pagina uma citação impagavel do «Correio Paulistano» que fala em «inarrefecivel amor á arte», «sceptro de principe da paisagem brasileira, etc. Depois, outra do Sr. Alberto Rangel. Emfim comparece o Sr. Carlos Rubens com a sua prosa, invocando um cavalheiro chamado Moreno Brandão que elle presume ter inventado a applicação literaria daquella historia de Henrique III deante do cadaver do Duque de Guise. Isso, para pedir-lhe venia de dizer que J. Baptista da Costa morto parece maior do que vivo. Mas não o diz como o tal Moreno Brandão, nem como Henrique III. Sua linguagem é muito melhor:

«Morto, repentinamente, á claridade estival de uma manhã de azul translucido, sonóra de amaveis cantos de aves, houve um estupor. A propria natureza que lhe fôra modelo e em cuja transplantação della ia deixando escorrer o perfume de sua melancolia e de sua bondade, a propria natureza parece que ficou hypnotica, somnambulica, á noticia pávida.

E viu-se com a perda irremediavel, com a paralysação que será eterna, da palheta que não conhecera obscuridade nem pausa, porque fôra lúcida e lépida; viu-se que Baptista da Costa era maior do que se suppunha, porque era, no momento, insubstituivel.

E assim foi».

Nesse tom, mais ou menos, prosegue o Sr. Carlos Rubens até o fim de sua obrinha. E a gente o acompanha com delicia. De vez em quando elle cita o Sr. Flexa Ribeiro, o Sr. Laudelino Freire, o Sr. Miguel Luis Rocuant, ou então põe aspas em phrases como esta: «de bôa comprehensão e excellente technica». Mas as melhores citações do Sr. Carlos Rubens são as que elle faz de si mesmo: «Commentando-os (os quadros de B. da Costa) disse eu no meu *Impressões de Arte*», etc., etc.; «Na *America Brasileira* referi-me ao *Nevoas da Manhã*, que é um dos trabalhos mais formosos do saudoso pintor», etc., etc.; e solta prosa, da bôa.

Quem abre o folheto, vae da primeira á ultima pagina enlevado. Mas onde o Sr. Carlos Rubens mostra todos os seus recursos é num capitulo chamado «Baptista e a Natureza», incluido na obra «por solicitações a que o autor não podia deixar de attender». Ahi é que o belletrista se revéla estupendo:

«Queriamos, talvez, embriagados na illusão das horas de ouro, que ellas fossem eternas na materialidade physica, e nos dessem perpetuamente a beber o nectar ambrosiaco de sua intelligencia e de seu affecto. Queriamos vêl-as sempre, na sua candura angélica, superiores aos odios mesquinhos, ás miserias do mundo, esflorando-se em piedade e affectos sacratissimos, sobre a lama que só a seres assim não attinge e pollúe».

Se o Sr. Carlos Rubens fosse mais nacionalista e não empregasse expressões francezas, como «sentiment de la couleur», «vibration de la lumière», etc., a gente diria que elle está muito influenciado pelo seu illustre confrade — o Sr. Gomes Sampaio.

RODRIGO M. F. DE ANDRADE.

A PROPOSITO DE «O EXTRANGEIRO», DE PLINIO SALGADO

Meu gordo e simpático amigo Augusto Schmidt, mal impressionado pela nota que escrevi para o último número da Revista do Brasil sobre o romance de estréa do sr. Plinio Salgado, acaba de me dirigir esta carta aberta muito inteligente e toda errada, em que me atribúe, entre outras coisas feias, odios que não tenho e maldades que nunca fiz.

Um dos erros mais errados em que caíu meu pesado amigo é o engraçadissimo engano de perspectiva que faz elle julgar parcialidade e antipatia

ao que é apenas a ausência em mim da parcialidade e da simpatia incondicional dêle pelo romancista verde-amarélo. E embora êle é que não admita a minha opinião diferente, o dogmático, o intolerante, o unilateral parece-lhe que sou eu.

Onde, porem, Schmidt espichou-se completamente, foi na escolha de um trechozinho do romance em questão pra dar a mim e aos leitores uma idéa do grande *livro que eu «desanquei».*

Schimidt, tu não dá pra adevogado, diabo. Si um dia você quiser citar alguma cousa minha, não escolha sem me prevenir, meu velho. Eu sou camarada, Schmidt. Não faz isso comigo não. — Prudente de Moraes, neto.

CARTA ABERTA A PRUDENTE DE MORAES NETO

Eu li sua nota sobre «O Extrangeiro», de Plinio Salgado, Prudente, neto! Fiquei triste, bem triste pensando no gôzo dos bôbalhões que julgam que arte é recital da declamadora Fulaninha.

Você fez, Prudente, neto, uma baita injustiça negando qualidades ao «O Extrangeiro».

Você e alguns outros rapazes de merito inegavel tomaram, na minha opinião, o bonde errado, procurando sufocar o mulatismo enthusiastico que é caracteristica bem nossa. Vocês são frios, medidos e *ecessivamente criticos*. Estão ainda sofrendo, é inutil negar, *uma crise aguda de intelectualismo*. São inteligentes demasiadamente. Tão inteligentes que erram a todo o instante.

A sua nota sobre «O Extrangeiro» é o resultado desse criticismo esagerado e, tambem, de sua parcialidade e falta de simpatia p'ra os que não vão a sua missa. É duro, mas é verdade, Prudente, neto.

Você, Prudente, neto, é, em muita cousa, a evolução do Osorio Estrada. Odios V. os tem, talqualmente o papão do Jornal do Brasil, e dedicações tambem cégas. Tão cégas como a galinha do João Alfonsus e como a minha admiração por Você.

Eu admiro V. Prudente, neto, acho que V. tem qualidades admiraveis de cultura e de esquecimento da dita; porem, estou tomando um medo das suas maneiras... Você está dogmatico intolerante á bessa.

Já no tempo da «Escrava» o Mario de Andrade dizia:

«Na orientação modernizante seguem-se indidicações largas dentro das quais se move com prazer a liberdade individual». Você creu, Prudente, neto, poder arrumar toda a turma livre dentro do seu ponto de vista — do seu lado. — Enganou-se. *Cada um está do seu proprio lado.* A tal historia da verdade egocentrica.

O Plinio Salgado não pastichou Oswald de Andrade. Tem parentesco com elle. Todo o escriptor, moderno, aqui principalmente, tem parentesco. O proprio Oswald, V. sabe, tem parentesco com muita gente lá de fóra. Você mesmo, Prudente, neto, muita gente diz que tem parentesco com o estupendissimo «seu» Mario de Andrade. Modos de vêr...

A sua maldade aparece na nota da Revista do Brasil, aparece bem claramente. Você péga um pontinho fraco, brinca com ele, alarga ele, mostra a todo mundo, na sua volupiasinha de destruir: Pega uma frase, remexe ela, deixa ela girando no ar. Sosinha. A tal historia do cavalo resupino, que pareceu p'ra V. arriscado esercicio de equitação exemplifica bem. V. poderia — aí fica provada sua falta de simpatia — citar o trêchosinho do mesmo capitulo, que dá uma idéa do *grande* livro que V. desancou, trêchosinho que vou transcrever:

«A lenda romantica accendia musicas mysticas na bocca de Juvencio todo sentimental.

— E o Palacio Encantado? peguntou Ivan sorrindo.

— Era... apenas uma lenda!

— Era a felicidade que a gente procurava em vão.

— «Não, replicou lyricamente o professor. Devia sêr a Alma da Patria; que ainda não achamos, a chave do nosso enigma...

O moscovita disse, pensativo:

— Felizes os povos que ainda não encontraram a chave desse enigma. Ella só é achada na velhice. E, então, já não se quer a felicidade, mas o remedio para aliviar a desgraça. É o que succede á minha Patria.

— Nós somos a Duvida..., exclava Juvencio.

— Signal da infancia... madrugada... imprecisões da vitalidade latente...»

Um livro com paginas assim, (quasi todas são assim) deveria merecer, penso eu, uma benemerencia um pouco maior, mesmo de um critico *exigente* como Prudente, neto, que, admira e ezalta tanto o *bom* poeta Ribeiro Couto e seria mesmo capaz de subscrever, a opinião de seu amigo Sergio Buarque de Hollando, que diz sêr o «Um homem na multidão» um dos três milhores livros de versos da nossa literatura. Amisades...

«O Extrangeiro tem todas as qualidades e todos os defeitos do momento. É um livro tumultuoso desigual, barbaro, pensado bem, vivido bem. Um livro que, salvo alguns ezageros de imagens que só se pódem admitir no grande Oswald, (digo grande Prudente, neto, com toda a sinceridade, porque o acho autor de uma cousa das mais serias que têm surgido no Brasil: «Pao Brasil») que não é de um literato; mas de um homem. *De um homem.*

Não seja intransigente, Prudente, neto. «Unilateral» Simpatico e antipatico. Parcial.

A sua nota sobre «O Extrangeiro» foi um charuto havano pra digestão do «seu» Laudelino Freire e outros mumificados.

Que classe desunida santo Deus!

Adeusinho, Prudente, neto, me abrace, e se me encontrar na rua fale comigo que eu gosto muito de Você.

AUGUSTO F. SCHMIDT.

VIDA SOCIAL

12 DE OUTUBRO

E' provavel pensar minha indulgente leitora que se trata da descoberta da America. Engana-se. Trata-se de cousa menos importante, talvez, e mais agradavel, sem duvida. De uma tarde deliciosa, passada em bôa companhia, tomando chá e conversando. Não ha dansas. Apenas uma pequena reunião. A senhorita Maria Elisa Dutra recebe as amiguinhas e alguns rapazes.

Não lhe venho tecer elogios pois que delles não precisa. Não descreverei tão pouco as «toilettes». Uma modista o faria melhor que eu. Direi que o conjuncto era um prazer para os olhos, e creio que não se póde dizer mais. E, como aqui se trate de sociedade, não posso deixar sem registro um acontecimento raro — um chá sem dansas. Não que seja inimigo da dansa. Muito pelo contrario. Aprecio, como toda a gente, o «charleston» e o «maxixe». Mas como hoje em dia, a proposito de tudo e de nada, convoca-se o «jazz-band», uma reunião como esta tem um sabor especial.

Ha muito que se perdeu a arte de conversar. Em geral, dansa-se sem falar e, depois, por muito favor, faz-se um ou outro commentario a respeito do tempo, da ultima festa de caridade, ou do proximo banho de mar. Isto, quando se não diz mal da vida alheia, unica modalidade de conversação que desappareceria com proveito e que, por isso mesmo, não dá mostras de o querer fazer.

Trocar idéas, ás vezes galanteios, em resumo connversar, é cousa que quasi nunca se faz. Foi o que se fez naquella tarde. Para quem, com a sua graciosa hospitalidade, nos proporcionou aquella encantadora reunião, aqui ficam parabens e agradecimentos.

PRO MATRE

Obteve um justo e grande successo a festa de caridade, em beneficio da Pró Matre, realizada a 16 de outubro no Theatro João Caetano.

Deram-nos primeiro uma peça em verso «Unico Amor», do Sr. Olegario Mariano. Foi ella finamente interpretada pela Sra. Francisca Nozières e mais o autor que, com grande surpresa nossa, se revelou um excellente actor. Infelizmente o theatro é um pouco grande de mais para a sua voz, o que fez com que perdessemos algumas cousas do que dizia. Mas o gesto, o movimento, e o «aplomb» mais pareciam de um profissional «qui a l'habitude des planches», que de um amador. A Sra. Nozières não precisa de commentarios porque, como artista, já está de ha muito consagrada.

Veiu depois «Os amores do abat-jour» da poetisa Maria Eugenia Celso, comedia em-verso, graciosa e amavel, cheia de uma fina emoção. A senhora Nozières e o Sr. Olegario Mariano actuaram como na primeira peça. Resta-nos falar das senhoritas Mary Penido e Mariana Roxo, que, com os dois primeiros, obtiveram applausos universaes. A senhorita Penido, graciosa e encantadora, creou logo em torno de si aquella atmosphera de sympathia que já creára quando da representação de «Nuages» de Luis Annibal Falcão. A senhorita Roxo deu mais uma prova do seu talento, com uma esplendida dicção, e um desembaraço incomparavel.

A platéa applaudiu calorosamente as peças e os actores.

Em seguida, a Sra. Naruna Corder e o Sr. Sergio Rocha Miranda, que foi admiravel, dansaram notavelmente o bailado do «Prologo do Ladrão de Bagdad».

Apresentaram-nos depois uma scena extremamente interessante, e que já tivera grandes successo na revista de amadores «Rio-Petropolis», levada em Março ultimo, em Petropolis. Consiste essa scena numa representação muda de um drama á maneira dos de cinema, e na qual tomam parte pessoas que se parecem com determinados astros da téla. O effeito de luzes, as caracterizações, o mutismo dos personagens, tudo concorre para dar ao espectador a impressão de estar assistindo a um film. O proprio enredo para isso concorre. E' dramatico em excesso. Ha roubos, punhaladas, seducções e estrangulamentos. Em resumo uma optima fita para ser vista em séries, e que nos manda vir na proxima semana no momento mais angustioso do drama.

Todos os interpretes estiveram excellentes. Convém entretanto salientar a senhorita Hyedda Xavier (Mae Murray), e o Sr. Avelino Costa que esteve perfeito na sua incarnação de Lon Chaney (o monstro). O Sr. Costa, levando a representação «á outrance», conseguiu fazer-se apunhalar de facto, tendo a coragem de se calar até que cahisse o panno. Teve, é verdade, o consolo de se ver logo cercado por uma centena de jovens, graciosas e bellas, que se offereceram como enfermeiras; mas isto são cousas dos «bastidores» e que não acontecem a todos os mortaes. Peço-lhe, minha cara leitora, reserva quanto a isto...

Chama-se esta scena o «Mysterio da Esmeralda Rubra», e, sem exagero, póde-se dizer que foi o «clou» da festa. Foi enthusiasticamente applaudida. Cousa rara no nosso publico de theatro.

Veio em seguida o desfile das ultimas imitações de artistas do cinema. Não as enumerarei por falta de espaço, mas, apesar de estarem todas muito bem feitas, não resisto a tentação de citar as que que mais me impressionaram pela semelhança com o artista imitado.

Assim, o Sr. Carlos Modesto de Sousa (já não direi que parecia Valentino) *era* Rudolph Valentino. Nunca vi duas pessoas tão parecidas. E não se diga que foi sómente o effeito do vestuario e da pintura. Mesmo nos ensaios (disseram-me as jovens, e se ellas não souberem, quem saberá?) era identico. O Sr. João Baptista Rezende Costa esteve magnifico na imitação de Von Stroheim, e o Sr. Fabio Olinda de Andrada, comquanto não se pareça muito com Jack Pickford, arrancou os applausos da platéa dansando o «charleston» de um modo verdadeiramente assombroso.

Foi, em resumo, uma noite muito agradavel, e que deixará optimas recordações.

V. da C.

A QUINZENA

PARA QUE MAIS DISCURSOS?

— Dois factores principaes contribuiram para compôr a physiognomia do grande povo italiano: o sól e a palavra. Forçando um pouco, poder-se-ia accrescentar um terceiro — o macarrão.

Italiano é feito de materia inflammavel. Pode-se mesmo affirmar que é gazolina o que corre em suas veias, assim como não ha duvida que a agua destillada faz as veezs do sangue no organismo do inglês. A activa raça peninsular offerece ao mundo o espectaculo vivo de um povo que sempre se renova, porque é de preferencia no instincto que elle mata a sua sêde de vida, não se nutrindo exclusivamente no espirito, fonte que sem duvida aperfeiçôa, mas tira a innocencia bruta dos homens. Emquanto se faz metaphysica no resto do mundo, o italiano vae cantando, alegre, directo, desigual, com uma frescura que faz suppôr hypocrita o recolhimento christão da maioria de suas cidades. Si sua vida se atrapalha, elle ainda canta mais. E, assim, não ha quem possa com elle.

E' principalmente o sol mediterraneo o creador dessa força com a qual aquella gente sadia ri, chóra canta, mata e nunca fica triste. E' uma criança a mãe da civilização. Não se fatiga, não se aborréce. Briga muito. Agita-se, mas não odeia ninguem. Politicamente, tempo houve em que a criança ficou meio triste. Perdeu a côr. Teve furunculos. O irmão Sól não bastava. Parece que não estava irradiando direito.

Agiu, então, de collaboração com o Sól, a palavra. Foi o quanto bastou. Não que a palavra não já houvesse tido empregada. Mas de que maneira!

Ou era Orlando, timbre ardente mas disciplinado, parecendo se dirigir ás togas do tempo de Augusto, ou era D'Annunzio, estheta requintado de mais para uma multidão que não conhéce archeologia, nem soffre de erotismo cerebral.

Aqui é que apparece Mussolini. *(Bravos!)*. Com aquelle ar fatal. Com aquella testa cubista. Com o feitiço da camisa preta. Com o passado romanesco, um tanto Nick-Carter, de prisões, conflictos, etc.

Começou a falar. Esse sim, falava direito para o povo. Falava e fazia gestos. Italiano não quér saber de palavra sem gesto. E' mesmo que banho de chuveiro sem grito.

Mussolini falou, clamou e gesticulou. Parecia um boxeur no ring. Nos falava de modo que suas palavras passassem pelos ouvidos e entrassem veloz nos corações. Receiava que as imagens, ao transitarem pela cabeça dos ouvintes, soffressem qualquer chimismo que pudesse retardar ou impossibilitar a explosão das bombas que o agitador collocava na extremidade dellas. Era preciso não interromper a corrente magnetica. E o italiano, que não gosta de raciocinar, fez cousa mais facil e agradavel — deslumbrou-se.

Dentro em pouco, foi aquillo que nós sabemos. A Italia toda vestiu camisa preta, exceptuados os que não usam camisa de especie alguma.

Mussolini, então, caminhou vorazmente sobre Roma. Uma linda cousa parecida com o 1.º acto da «Aida». Todo o mundo sabe do resto. Mussolini ficou lá feito primeiro ministro. A Italia rejuvenesceu. Cahiu aquella casca fria. A força do tronco latino rompeu novamente em brótos. O salvador reclamou algumas medidas que se lhe afiguravam necessarias ao total prestigio da peninsula.

Falou e as conseguiu logo. Eil-o idolo. Olhar arregalado nas photographias. Era o olhar magnetico. Faltava uma cabelleira de circumstancia. Não se importou. Impôz a caréca vulcanica.

Sempre com as massas, discutindo, combinando, evangelizando. Elle é dos que não dispensam o contacto, o cheiro do povo. Si fosse preciso viajar pelo polo norte, fal-o-ia com prazer deixando-se acompanhar de uma multidão de fascistas com photographos e vivas á Italia. E ainda passaria um tróte no vagaroso do Amundsen.

As assembléas representativas poderiam tolher-lhe a acção, difficultar-lhe a presteza felina dos movimentos. Precizou de mais arbitrio. Falou, falou e conseguiu autoridade maior, quasi que absoluta. Remodelou a Italia, levantou os espiritos, retratou-se acarinhando um tigre, embriagou a mocidade.

Estatuas, bustos, biographias, dois attentados contra sua pessôa. Gloria.

Eil-o falando mais que nunca, melhor que nunca. Dessa vez era apenas para pedir uma simples cousa — pedir tudo. Falou tão bem, tão precizo, tão irresistivel, que lhe déram tudo! A corôa imperial fazia-lhe cocegas romanas na cabeça.

Numa tarde em que se achava sózinho, o Primeiro Ministro meditou na sua gloria. E mediu a força magica da palavra.

Espantou-se. Com ella chegara áquella eminencia, olhando para a massa reverente dos *camisas pretas* e fumando cigarro do rei. Foi a palavra. Viva a palavra!

Mas eis que nas assembléas fascistas surgem rapazes que falam bonito e têm feitiços perigosos na phrase. A exemplo do chefe e buscando imitar o chefe, os jovens fascistas gostam de falar.

Mas o Summo Chefe se aborrece. Já tinha feito todos os discursos necessarios á Italia. Para quê mais? A Italia vae indo tão bem sob seu mando, sob o jugo do orador calado. Reduza-se, pois, a rhetorica. Supprima-se, si possivel.

O Ministro baixou a ordem intelligente: «De 1.º de Novembro em diante, discursos poucos e mais concisos. Dados estatisticos ao invez de figuras de rhetorica.» Meus Senhores, a Italia vae entrar em silencio.

HANNIBAL.

TRANSMISSÃO DO PODER

Duas semanas cheias, as duas decorridas deste mez. Embora á politica, em particular, pertença o melhor a consignar, ha de, forçosamente, caber uma razoavel parcella de interesse publico, realmente publico, a seguir o curso dos factos e a esperar outros que devem vir, depois.

O lugar de honra cabe, de pleno jus, ás despedidas do governo que cede o seu lugar a outro governo, trabalhosa despedida, entre mil cuidados e solicitações, malas que se fazem, encommendas que se aviam, outras que chegam a cada momento, despedidas, commissões, inaugurações, um rôr de coisas, emfim.

E tudo isso feito perante uma turba multa de espectadores pretendentes, credores de promessas, todos de olhos e ouvidos attentos ao que se chama o testamento do periodo presidencial.

Uma liquidação de fim de quatriennio, sem reserva de... nada.

Ainda bem que o caracter nacional não foi esquecido, no testamento politico do governo que termina hoje a sua alta missão. Longe disso, foi contemplado em uma das clausulas, e das principaes, senão a principal. Por essa disposição de ultima vontade, é o pobre enjeitado entregue á tutela dos vinte governadores de Estados, do prefeito do Municipio Federal e dos prepostos da União nos territorios, ainda não promovidos á autonomia politica e administrativa.

Com a mais carinhosa solicitude, o testador, notificando dessa clausula, pelo telegrapho, os eminentes chefes politicos, dos quaes confia a sua perfeita execução, foi pressuroso e abundante em encarecer a importancia e a urgencia de se elevar o caracter, coisa que tem por essencial ao individuo e á propria nacionalidade.

De caminho e para não perder tempo, num requinte de zelo, mais que fraternal, maternal, o telegramma-appello aos citados tutores prescreve a therapeutica, para o tratamento da verminose desse enfermo, de sorte que é só applicar as cataplas-

mas e fazer ingerir as poções de uso interno, para que o caracter nacional enrije, tome côres, adquira muque e dextreza e suba por ahi acima, que nem balão ou papagaio de papel.

O especifico receitado é o ensino moral, social e civico, propinado ás crianças, em todas as escolas primarias, sendo, talvez, de vantagem, pondera o telegramma-receituario, que esses ensinamentos se ministrem no ultimo dia, ou á ultima hora, dos exercicios escolares, de modo que cheguem frescos ao trato exterior e domestico.

Como se está vendo, nada foi esquecido na minuciosa disposição da cedula testamentaria, communicada, em tempo e para os devidos fins, a quem pertence dar-lhe execução, segundo a vontade do testador.

Teria sido melhor, talvez, que o Sr. Arthur Bernardes houvesse iniciado quatro annos antes, quando iniciou o seu reinado, esse capitulo da sua missão apostolica, pois que, assim, teria, agora, feliz ensejo de fazer a distribuição de premios de aproveitamento á primeira turma de alumnos, ao cabo de um curso seriado de quatro annos. Sem duvidar do acolhimento que logrará o seu appello desta ultima hora aos dignos governadores, outra coisa seria quatro annos atraz. Já hoje estariamos colhendo a safra e o benemerito leader da campanha benemerita pro caracter nacional distribuindo premios e promovendo de classe os discipulos mais aproveitados, por via da lição e do exemplo.

Sem que importe isso em restricção do nosso applauso á iniciativa, sempre arriscamos que, além das outras minucias assignaladas, caberia bem, no appello telegraphico aos governadores, lançar as bases do programma de instrucção nelle preconisado. Por tratar-se de disciplina nova, apesar de já incluido nos planos officiaes, primarios ou superiores, ou por outros motivos, muitos desses cavalheiros, ora investidos da superintendencia do ensino moral, civico e social, destinado a elevar o caracter, poderão ficar atrapalhados, gregos mesmo, sem saber o que venha a ser isso. Quem não sabe é como quem não vê...

E dahi, talvez esses pequenos senões possam ser, facilmente, suppridos ou corrigidos. Depende de acceitar o Sr. Washington Luis tambem essa collaboração de Sr. Bernardes no seu governo. Se o novo presidente estiver no mesmo proposito de levantar o caracter nacional, havemos de ver como elle vae por ahi acima, que ninguem mais o apanha.

DE MINAS

ESPECTATIVA DO MOMENTO POLITICO

Parece que nós em Minas estamos fadados a assistir um dos espetaculos mais interessantes que se têm desenrolado no scenario politico nacional. Está quasi que definitivamente assentado a vinda do Sr. Arthur Bernardes para Bello Horizonte afim de assumir a direcção do P. R. M. E o encontro da personalidade daquelle chefe de estado com a do Sr. Antonio Carlos attrae irresistivelmente a nossa curiosidade tranquilla de espectadores. Haverá entrechoque? Ninguem o crê. Por isso, desde que o espetaculo se annuncia sem lances theatraes vamos assisti-lo com um interesse friamente raciocinado. Já que a nossa imaginação não se sente abalada, a nossa predisposição de espirito é um claro e frio estado intellectual. Pode bem ser que os acontecimentos se precipitando no fundo da scena venham pôr em vibrações o nosso enthusiasmo dando logar, talvez, á formação de uma *torcida* dividida em campos oppostos. Por emquanto nenhuma circumstancia occorreu que désse logar á mais leve presupposição de um embate. Isto não só pelas relações politicas entre os dois homens publicos como pelas qualidades pessoaes de um delles. O Sr. Antonio Carlos tem uma noção muito desenvolvida do equilibrio com que corrige sempre a violencia dos movimentos mais instinctivos.

Mede rigorosamente seus gestos e alinha com perfeição as suas attitudes. No meio de um desaprumo geral elle é capaz de guardar sempre uma posição perpendicular. No mundo em que vive que é todo oscillação nunca perdeu seu centro de gravidade. Para elle politica significa arte. Com a sua

visão clara e fria das coisas, tem agilidade de espirito para multiplicar seus pontos de vista. Não soffre derrotas porque conhecendo os gráos e os contras não canta victoria antes de tempo. E sabe bater retiradas que valem por grandes triumphos. Si recúa é para armar com segurança o salto para frente. Um longo tirocinio de vida publica lhe ensinou a sciencia difficil do recúo. Não tem muito em seu favor o factor — sorte — Já era para ter galgado o poder ha mais tempo. Afinal isto tinha de acontecer por um encadeiamento logico dos acontecimentos. Era fatal. A sua psychologia está toda naquella phrase que pronunciou quando um representante da minoria parlamentar no calor de uma discussão o aggrediu com um dito insultoso: «O que V. Ex. disse pode ser um insulto mas não interessa á questão em debate».

Não poderia ser mais diversa a personalidade do Sr. Bernardes. Na constituição intima de seu espirito não predomina o traço elegante de intellectualidade do Sr. Antonio Carlos mas a linha saliente da vontade que contorna toda a sua conformação moral. E' um crente. Toda a sua existencia politica tem sido um acto de affirmação num mesmo sentido. Sua mentalidade de homem publico é rigorosamente unilateral. Tomou uma posição fixa de onde aprecia todos os problemas e todas as opiniões. A sua attitude é sempre rigida e inflexivel. E' um impulsivo. Conta sempre em seu favor o accaso A sua personalidade politica é accidental. Não resultou de uma longa experiencia de vida publica. Cresceu de repente e ficou maior do que o homem. De facto as qualidades pessoaes do Sr. Arthur Bernardes estão em desconformidade com o tamanho de sua figura politica.

———

Ahi está em leves traços a psychologia politica das duas personalidades tão differentes que vão medir em Minas as suas forças sem entrechoque, sem barulho. Tudo se passará em silencio mas o resultado se fará sentir vivamente.

E ao que nos parece o Sr. Arthur Bernardes, mesmo si depois do dia 15 de novembro dispozer de somma igual de poder á do Sr. Antonio Carlos, acabará por soffrer o jugo suave do descendente das Andradas.

X.

LIVROS NOVOS

———

G. Bessa, o notavel jurista sergipano, vae ter por estes dias a edição completa dos seus trabalhos publicada pelo governo do seu Estado, a exemplo do que já se fez ali com Tobias Barretto.

Desse volume «*Pela Imprensa e pelo Fôro*», onde surge não só o jurisconsulto, mas o polemista, o politico e o pensador — faz parte o trecho abaixo.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o bello volume, onde se encontram innumeros trabalhos do notavel escriptor, emulo e adversario de Ruy Barboza na questão do Acre — e admirado por homens de estatura intellectual de Lafayette Pereira e Sylvio Roméro.

DIREITO E LEI

O direito é o resultado de um triplo processo. Para a sua genese entram como factores a natureza, a sciencia e o poder publico social. A natureza formula-o como uma necessidade que pede satisfacção; a sciencia define-o como uma aspiração humana, que quer ser realisada; o poder publico reconhece-o como lei e assegura-o coactivamente. Assim uma tendencia organica transforma-se em ideal da razão e converte-se afinal em realidade legal.

Como sciencia, o direito é a theoria das condições geraes da coexistencia livre dos homenes. É o ideal da lei.

Como facto social, o direito é, objectivamente, a unidade concreta da vontade do Estado e dos individuos; é o conjuncto das condições existenciaes do povo coactivamente asseguradas. Subjectivamente, isto é, como predicado do homem, o direito é um interesse garantido pela lei.

Direito e lei são conceitos connexos, mas não identicos. O direito é o conteúdo, a lei o continente. O direito é a substancia, a lei é a fórma. A lei é o verbo perfeito do direito. O direito póde se manifestar em outras fórmas menos perefitas, v. g. os costumes.

A lei é o acto solemne do poder publico que consagra o direito.

A lei só é justa, quando o seu conteúdo se conforma com o *idéal* do direito.

1891.

*
* *

É mister criticar a auctoridade antes de acceitar a sua opinião.

Assim como ha na physica uma dioptrica, que estuda os phenomenos da luz quando atravessa meios differentes; da mesma sorte deve haver na hermeneutica juridica uma dioptrica moral, que exponha os phenomenos da refracção da luz da lei coada atravéz das intelligencias dos interpretes. A luz refracta não é a mesma luz directamente percebida no seu fóco. O raio do espirito do legislador, que penetra a minha intelligencia depois de ter passado pela intelligencia da auctoridade, decompoz-se, quebrou-se, assumiu cambiantes e côres que não tinha no seu ponto de partida. A intelligencia do interprete, com os seus habitos mentaes, sua estructura especial; o caracter do interprete, com suas paixões e interesses, desnaturam inconsciente ou voluntariamente o lidimo querer do legislador.

Só é, pois, digno do nome de jurista aquelle que professa o respeito á lei, a lei estudada no seu texto, interpretada immediatamente na sua propria lição.

GUMERCINDO BESSA.

SALVE NATAL 1926

Como nos annos anteriores: para commemorar as tradicionaes

FESTAS DO NATAL

a Cia. de Loterias Nacionaes do Brasil, concessionaria das Populares

Loterias da Capital Federal

extrahirá SABBADO 18 de Dezembro proximo

A MAIOR LOTERIA DO ANNO

PREMIO MAIOR

500:000$000

INTEGRAES

destribue 6.380 premios no total de Rs.

1.440:000$000

Os bilhetes encontram-se á venda em toda parte.

Banco do Brasil e suas Agencias

Balancete em 30 de Setembro de 1926

Debito

Thesouro Nacional, c/de antecipação da receita	239.468:090$267	
Letras descontadas	642.657:057$676	
Emprestimos em conta corrente	263.364:511$546	
Letras a receber	27.566:089$174	1.173.055:748$663
Effeitos a receber de conta alheia:		
Do exterior	9.275:407$430	
Do interior	242.341:394$641	251.616:802$071
Valores em liquidação		7.914:662$140
Valores caucionados		467.937:525$371
Valores depositados		257.956:800$773
Agencias e filiaes no interior		379.803:021$057
Correspondentes no exterior		166.879:054$794
Correspondentes no interior		6.291:287$995
Titulos e fundos pertencentes ao Banco		56.248:137$256
Liquidação do Banco da Republica do Brasil		33:557$795
Immoveis		7.849:330$120
Moveis e utensilios		71$000
Cobrança nos Estados		367.615:808$004
Diversas contas		26.774:533$336
Ouro em deposito:		
Na Caixa de Amortização	£ 10.695.030-7-6	
Idem, em n/cofre	£ 775.376-13-11	
	£ 11.470.407-1-5 a 8d.	344.112:196$890
Titulos ouro depositados no exterior:		
£ 2.595.030-0-0 nominaes, pela ultima cotação	£ 1.624.530-0-0 a 8d	48.735:900$000
Caixa, em moeda corrente		157.007:385$279
		3.719.864:822$544

Credito

Capital		100.000:000$000
Fundo de reserva		125.070:144$533
Fundo do resgate do papel-moeda	283.162:193$000	
Menos:		
Importancia entregue á Caixa de Amortização para ser incinerada	249.162:193$000	33.999:639$000
Emissão em circulação		592.000:000$000
Depositos:		
Em contas correntes com juros	586.979:954$000	
Em contas correntes limitadas	105.989:658$916	
Em contas correntes sem juros	193.841:844$052	
Em contas a prazo fixo	131.370:537$583	
Em contas de compensação de cheques	10.889:339$210	1.029.071:334$045
Titulos em caução e em deposito		725.894:326$144
Agencias e filiaes no interior		397.861:809$222
Correspondentes no exterior		40.668:024$992
Correspondentes no interior		5.048:891$240
Depositantes de effeitos para cobrança		619.232:610$075
Bonus e dividendos		1.179:257$370
Diversas contas		49.838:785$923
		3.719.864:822$544

Rio de Janeiro, 19 de Outubro de 1926. — *James Darcy*, Presidente. — *Arthur P. Bosisio*, Contador.

"terra roxa e outras terras"

quinzenario de arte e literatura

DIRECTORES:

A. C. Couto de Barros e António de Alcântara Machado

A melhor publicação modernista do Brasil

"terra roxa" tem publicado collaborações de Antonio de Alcantara Machado, Blaise Cendrars, Carlos Alberto de Araujo, Carlos Drummod, Couto de Barros, Guilherme de Almeida, João Alphonsus, Luiz da Camara Cascudo, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Martins de Almeida, Oswaldo de Andrade, Paulo Prado, Prudente de Moraes, neto, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Rubens de Moraes, Sergio Buarque de Hollanda e Sergio Milliet.

PREÇOS:

Numero avulso . . . $500

Assignatura annual . . 12$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Avenida São João — 96

São Paulo

Annunciae no

"Diario de Noticias"

de Porto Alegre — Rio G. do Sul

O grande matutino que conquistou pela sua feição moderna e justeza de opiniões a preferencia do publico riograndense, alcançando grande circulação em todo o Estado.

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

RUA RODRIGO SILVA 14-2.°

Teleph. Central 2478

"Se quizerdes ser rico, ou permanecer rico, lêde Henry Ford".

ARTHUR BRISBANE.

Minha vida e minha obra

por HENRY FORD, de collaboração com SAMUEL CROWTHER

Nova traducção de MONTEIRO LOBATO

Saido em 1922 acha-se este grande livro transladado para o allemão, francez, finlandez, italiano, hollandez, polaco, russo, sueco, dinamarquez, tchecoslovaquo, hungaro, hespanhol e arabe, sommando as varias edições mais de dois milhões de exemplares, Henry Ford produziu uma das mais significativas obras desta geração. — (THE CENTURY).

A sensação deste livro é menos de um livro escripto do que de um homem que se senta deante de nós e conversa com facilidade, em tom impessoal, acerca da sua vida, das idéas que o nortearam, dos principios em que baseou o seu trabalho e da convicção que o anima sobre os effeitos da efficiencia na felicidade humana. — (NEW YORK TIMES).

Henry Ford revelou-se neste livro a mais alta individualidade america da sua geração. — (THE ATLANTIQUE MONTH).

Considero um dever meu para com o publico attrair a attenção de todo o mundo para este grande livro. — (EDWARD A. FILENE, em THE NATION).

E' o grande livro de um grande homem. — (ROBERTO BLATCHFORD).

EM TODAS AS LIVRARIAS — PREÇO: 4$000

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 33 — S. PAULO

AEROPLANOS — Boeing Airplane Co., Seattle, Wash., U. S. A. — EPXLOSIVOS PARA FINS MILITARES, E. I. du Pont de Nemours & Co., Wilmington, Del., U. S. A. — MATERIAL PARA PHOTOGRAPHIA AEREA, Fairchild Aerial Camera Corp., New York — MACACOS PARA ESTRADAS DE FERRO, The Joyce Cridland Co., Dayton, O., U. S. A. — APPARELHOS PRECISÃO PARA NAVEGAÇÃO MARITIMA, DIRECÇÃO FOGO, HOLOPHOTES ALTA POTENCIA, ETC., The Sperry Gyroscope Co., Brooklin., N. Y., U. S. A. — CARROS E VAGÕES DE ESTR. DE FERRO, Clayton Wagons Ltd., Lincoln, England — APPARELHOS REGISTR. D'AGUA, George Kent Ltd., Luton, England — ESTALEIROS PARA CONSTRUCÇÃO E REPARAÇÃO DE NAVIOS DE QUALQUER TONELAGEM, William Beardmoore & Co., Glasgow e George Brown Co., Greenock — GRUPOS KOHLER GERADORES DE FORÇA E LUZ de Kohler Co. Kohler, Wis.

Radio em Geral

Mayrink Veiga & Co.

ENGENHEIROS, IMPORTADORES E EXPORTADORES

Rua Municipal, 15/21 — Trav. de Sta. Rita, 26.

RIO DE JANEIRO

Endereço telegraphico: MAYRINK

Telephones:

Armazem — Norte 3349

Escriptorio — Norte 3840

Secção Radiotelephonia:

Norte 2722

Depositos:

Rua Barão de S. Felix, 129

ILHA DO SARAVATHA

Codigos Usados:

ABC 5ª Edição — Ribeiro

Lieber's — Bentley — Marconi Int.

General Telegraph.

Um bello presente para os Leitores do

"JORNAL"

Daremos gratuitamente 1 estojo completo, da afamada navalha de segurança AUTOSTROP (toda ella em metal dourado) com lamina, assentador e machina para afiar as navalhas:

1º.) Aos leitores do O JORNAL, que tomarem uma assignatura de 12 mezes do O JORNAL.

2º.) Aos assignantes, que renovarem suas assignaturas de 1 anno. Estas renovações podem ser feitas mesmo quando a actual assignatura vigorar até o fim de 1926.

3º.) Aos actuaes assignantes do O JORNAL, que conseguirem um assignante novo para O JORNAL, como tambem a esse novo assignante.

Para obter uma dessas navalhas preencha o coupon ao pé deste annuncio, e mande-o, junto com o preço da assignatura, ao gerente do O JORNAL.

O JORNAL enviará as navalhas aos seus assignantes, sob registro pelo correio, livre de onus para elles. Os assignantes do Rio de Janeiro podem obtel-as no balcão do O JORNAL.

Illmo. sr. gerente do O JORNAL, Rua Rodrigo Silva, 12 — Rio

Junto a este remetto-lhe a importancia de Rs. 50$000, para a assignatura de 1 anno do O JORNAL.

NOME.....

.....

ENDEREÇO.....

.....

CIDADE E ESTADO.....

.....

O JORNAL distribue diáriamente premios aos seus leitores

46336

"A Revista do Brasil"

E' a publicação que conta entre nós com o maior numero de collaboradores illustres e, ao mesmo tempo, a que se vende mais barato

Numero avulso	*$700*
Assignatura annual	*16$000*
Tomada conjuntamente com a do "O Jornal" ou "Diario da Noite"	*12$000*

xxxxxxxxxxxxxxxx

Redacção e Administração:

Rua Rodrigo Silva N. 14 (1.º andar)

RIO DE JANEIRO

Cruzwaldina

Acreditado Desinfectante fabricado pela

Societé Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro

Com vinte annos de ininterrupto successo

Medalha de Ouro na Exposição Nacional de 1908

O mais popular de todos os desinfectantes

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO.